



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOSÉ EDUARDO GARCIA DOS SANTOS

***“A ANCESTRALIDADE, ELA ESTÁ SEMPRE DO NOSSO LADO”*: A CAPOEIRA
COMO ESTRATÉGIA PARA OPERACIONALIZAR A LEI 10.639/2003 NO ENSINO
SUPERIOR: O CASO DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

JOSÉ EDUARDO GARCIA DOS SANTOS

**“A ANCESTRALIDADE, ELA ESTÁ SEMPRE DO NOSSO LADO”: A CAPOEIRA
COMO ESTRATÉGIA PARA OPERACIONALIZAR A LEI 10.639/2003 NO ENSINO
SUPERIOR: O CASO DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S235a

Santos, José Eduardo Garcia dos.

"A ancestralidade, ela está sempre do nosso lado" : a capoeira como estratégia para operacionalizar a Lei 10.639/2003 no Ensino Superior : o caso da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira / José Eduardo Garcia dos Santos. - 2021.

83 f. : il.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

1. Capoeira - São Francisco do Conde (BA). 2. Ensino superior - São Francisco do Conde (BA) - Relações étnicas. I. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. II. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudos de caso. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 378.8142

JOSÉ EDUARDO GARCIA DOS SANTOS

**“A ANCESTRALIDADE, ELA ESTÁ SEMPRE DO NOSSO LADO”: A CAPOEIRA
COMO ESTRATÉGIA PARA OPERACIONALIZAR A LEI 10.639/2003 NO ENSINO
SUPERIOR: O CASO DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Licenciado.

Aprovado em: 06/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Eliane Costa Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

É com muita honra que dedico este trabalho aos meus pais, pelo amor, apoio e confiança. Dedico, da mesma forma, aos meus irmãos que, mesmo separados pela distância física, sempre me apoiaram e me fortaleceram com palavras encorajadoras e de afeto. Dedico também a minha querida orientadora Profa. Dra. Cristina Teodoro, pela profissional que ela é, e pelo incansável apoio que tem me dado.

Dedico, ainda, aos meus amigos e amigas,
que fui encontrando ao longo da trajetória.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus, a quem devo esta conquista e aquelas que virão, a quem me fortalece nos momentos de fraqueza e aflição. Em seguida, agradeço aos meus amados pais, Senhora Milita Maria Garcia Baessa e o Senhor Agilo Antônio dos Santos pela educação, pelo amor incondicional, por tudo o que fizeram e, ainda fazem por mim. Agradeço a minha querida orientadora, Dra. Cristina Teodoro, por ter estado ao meu lado durante todo o processo de produção deste trabalho, sempre se prontificando em contribuir. Te agradeço professora, pelo aprendizado, pelo apoio, orientações, profissionalismo e, amizade. Agradeço aos meus irmãos por todo apoio e força, e, por estarem sempre ao meu lado. Agradeço a Caroline Souza, minha namorada, que esteve ao meu lado, me apoiando em todas as circunstâncias. Agradeço, também, aos meus familiares e amigos que deixei em meu país, Cabo Verde e, aos amigos e companheiros de luta que aqui encontrei: Caroline Fortunato, Denílson Evandro, Emanuel Semedo, Fernando Colônia, Giselle Pereira, Jacica Helena, Sônia Ramos, Nilton Gomes, Paulo Renner, Walter Borges. Pessoas com as quais “sempre” existiu, de uma forma mútua, carinho, amizade, aprendizagens e motivação, que certamente foram úteis para a efetivação desse trabalho. Agradeço de modo geral, a todos e todas que sempre fizeram e fazem parte da minha vida, e que aqui, não foram mencionados.

Meu muito obrigado!!!!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar como a capoeira, a partir do projeto de extensão “Prática de capoeira e seus valores culturais no Recôncavo Baiano”, era uma estratégia para a implementação da lei 10.639/2003, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). A pesquisa foi realizada com integrantes do grupo de Capoeira do projeto no campus, no campus dos Malês. A pesquisa buscou averiguar se e, como, a prática de capoeira desenvolvida pelo grupo em questão, promovia discussões político-filosóficas vinculadas à cultura afro-brasileira e africana; compreender como a capoeira era percebida pelos/as discentes da UNILAB e, suas vinculações ao projeto institucional. Ainda, identificar quais valores eram contemplados no e pelo ritual da capoeira. Metodologicamente, a pesquisa seguiu os critérios adotados pela abordagem qualitativa, e, foram utilizados, para a geração de dados, a técnica de grupo focal e, entrevistas. Os resultados alcançados demonstraram que o projeto de extensão, objeto de estudo deste trabalho, tem sido uma ferramenta eficaz no processo de implementação da Lei 10.639/03 em processos educativos, na UNILAB-Malês. Os resultados obtidos são significativos para serem usados, em futuros trabalhos, que tomam a capoeira como objeto de estudo.

Palavra-chave: Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. Capoeira - São Francisco do Conde (BA). Ensino superior - São Francisco do Conde (BA) - Relações étnicas. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudos de caso.

RISUMO

Kel trabadju li tevi komu obijetivu analiza si kapoera, a partir di projetu di istenson “Pratika di Kapoera i se valoris kulturais na Ricôncavo Baiano”, é um estratégia pa implimentason di lei 10.639/2003 na Universidadi di Integrason Internacional di Lusofonia Afro-brasileru (UNILAB). Pesquisa foi rializadu na kampus di Malés, ku membrus di grupo di Kapoera, di projeto mencionadu. Pesquisa busca, especificamenti, averigua si, i komu, ki pratica di kapoera desenvolvidu pa grupu em keston, ta promovi discusions politikas i filosofikas ligadus a kultura afrobrasileira; komprende komu ki kapoera era odjadu pa studentis di Unilab i si vinculason ku projetu di instituson; identifica kas valoris ki ta kontempladu na, i pa, ritual di kapoera. Metodologikamenti, pesquisa sigui kritérius adotadus pa abordagem cualitativa i, foi utilizadus, pa produson di dadus, grupu focal ku intrevista. Resultadus alcançadus ta fla ma projetu di extenson, ke objetu di studu di kel trabadju li, me tem stadu ta ser um feramenta efikas na prucessu di implimentason di lei 10.639/2003, na UNILAB-Malés. Resultadus obitidusta mostra ser substancial pa ser utilizadus na futurus trabadjus ki ta toma kapoera komu objetu di studu.

Palavra-chavi: Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. Edukason. Kapoera. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

ABSTRACT

This work aimed to analyze whether capoeira, from the extension project "Capoeira practice and its cultural values in the Recôncavo Baiano", is a strategy for the implementation of Law 10,639/2003 at the University of International Integration of Afro-Lusophonybrazilian (UNILAB). The research was carried out on the Malês campus, with members of the Capoeira group, of the project. The research specifically sought to ascertain whether, and how, the practice of capoeira developed by the group in question, promoted political-philosophical discussions linked to Afro-Brazilian culture; understand how capoeira was perceived by/her students at UNILAB and their ties to the institutional project; identifying what values were contemplated in and by the capoeira ritual. Methodologically, the research followed the criteria adopted by the qualitative approach, and were used for data production, focus group and interviews. The results obtained showed that the extension project, object of study of this work, has been an effective tool in the process of implementation of Law 10,639/03, in UNILAB-Malês. The results obtained are substantial to be used in future works that take capoeira as the object of study.

Key words: Brazil. [Law no. 10639, January 9th, 2003]. Capoeira - São Francisco do Conde (BA). Higher Education - São Francisco do Conde (BA) - Ethnic relations. University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony - Case studies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO I: HISTÓRIA DA CAPOEIRA: ALGUNS ELEMENTOS	16
2.1	HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL	16
2.2	CAPOEIRA REGIONAL: VALORES E PRINCÍPIOS	24
2.3	CAPOEIRA ANGOLA: VALORES E PRINCÍPIOS	25
3	CAPÍTULO II: A CAPOEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR: PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO FÍSICA	28
3.1	A CAPOEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR	28
3.2	A LEI 10.639: UM MARCO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	32
3.3	O PROJETO DA UNILAB NO CONTEXTO DA LEI 10.639/2003	34
3.4	O CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E O PROJETO DE EXTENSÃO “PRÁTICA DE CAPOEIRA E SEUS VALORES CULTURAIS NO RECÔNCAVO BAIANO”: EXPERIÊNCIAS DO CAMPUS DOS MALÊS	38
4	CAPÍTULO III: METODOLOGIA	42
4.1	ABORDAGEM DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS	42
4.2	O MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE E A COMUNIDADE EM QUE RESIDIAM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	43
4.3	GERAÇÃO DE DADOS	44
4.3.1	Sujeitos da pesquisa	44
4.4	GRUPO FOCAL	45
4.4.1	Passos iniciais	45
4.4.2	Local da pesquisa	46
4.4.3	Consentimento	46
4.4.4	Roteiro de perguntas	46
4.4.5	Realização do Grupo Focal	47
4.5	ENTREVISTA COM O MESTRE	47
4.6	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS GERADOS	48
5	CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS RESULTADOS	49
5.1	A CAPOEIRA... O INÍCIO E, AS PERCEPÇÕES	49
5.2	A PRÁTICA DA CAPOEIRA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS: O QUE MUDA, COM A PRÁTICA DA CAPOEIRA?	52
5.3	A CAPOEIRA PODE SER UMA FILOSOFIA DE VIDA?	53
5.4	O CONTATO COM A ANCESTRALIDADE	55

5.5	VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA	56
5.6	NO CONTEXTO DA CAPOEIRA, TEM DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO?	57
5.7	O MESTRE E SEUS DISCÍPULOS: A CAPOEIRA COMO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER	62
5.8	A COMUNIDADE E A UNIVERSIDADE: O PROJETO DE EXTENSÃO, COMO MEIO DE CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO-UNILAB	66
5.8.1	O projeto de Capoeira e as Diretrizes da Unilab	66
6	A OPERACIONALIZAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: A LEI 10.639/2003	71
7	CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR A CONVERSA...	76
	REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

As histórias e culturas africanas e, aquelas originadas delas, sempre foram consideradas pelas sociedades ocidentais e eurocêntricas como inferiores, atribuindo-las estereótipos negativos que as fizeram, por muito tempo, permanecerem indesejáveis pelos povos que as constituíram. A exploração física, econômica e simbólica dos diversos grupos que compõem os países do continente africano, indiscutivelmente, deixou lacunas e impactos sobre o processo de desenvolvimento em seus diferentes aspectos. O desenvolvimento econômico tem sido apresentado como o maior impactado, no entanto, a dominação ideológica tem sido mais profunda e drástica para a sobrevivência cultural dos diversos países do Continente e, da diáspora africana. A vida, mais do que simplesmente obter o poder ou a independência financeira para sua auto-sustentabilidade, é ter a liberdade psicológica de proclamar ou de se afirmar quem você é e, de admitir, sem qualquer tipo de crise ou de dúvidas, a sua identidade.

Nesse contexto histórico, as culturas africanas vêm sofrendo perseguições e distorções que ainda as deixam à margem. E, apesar de muitas conquistas e alguns avanços muitos renunciam seu pertencimento a qualquer identidade ou cultura de origem africana. Tal negação ou ocultação da história e da cultura Africana tem tido desdobramentos, também, na história, na cultura e na constituição de subjetividades de afrodescendentes presentes em diversos países do mundo como resultado do processo de diáspora negra.

No Brasil, por exemplo, a ocultação da história e cultura africana e afro-brasileira na sociedade como um todo e, na educação escolar, especificamente, ou, as suas narrativas distorcidas, têm se constituído na negação do direito de **ser**, ou de se **autoconhecer**, repercutindo, negativamente, na afirmação de identidades afro-brasileiras. No campo educacional, por via de lutas e resistências dos movimentos negros, foi proclamada, em 2003, a **Lei 10.639/03** que, de modo geral, pode ser compreendida no sentido de buscar narrar a verdade sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, denunciando, assim, as narrativas construídas pelos colonizadores e, reproduzidas pelas escolas a serviço dos sistemas políticos e econômicos, oriundos dessa ideologia esmagadora.

A UNILAB foi criada – também, como resultado das lutas dos Movimentos Negro no Brasil - com base em um projeto político que visa a defesa dos direitos das

minorias, erradicando, desse modo, o racismo, a discriminação e o preconceito tanto individual quanto social e institucional. Em vista disso, suas ações devem ter como escopo a perspectiva da Lei 10.639/2003, objetivando contribuir para mudança das práticas sociais discriminatórias que inferiorizam, estigmatizam e demonizam as culturas subalternizadas por aqueles que acreditam e propagam a ideia de superioridade cultural e racial.

Contudo, por mais que uma instituição adote prerrogativas com base na Lei 10.639/03 e tem como objetivo implementá-las, ela - a instituição - necessita de parcerias e de mecanismos práticos que auxiliem nesse processo. Sendo assim, a UNILAB desenvolve, alinhada aos seus objetivos, projetos de extensão que visam oferecer formações e informações com a sociedade em geral e com a comunidade local, em particular, possibilitando, assim, o acesso a informações e ao conhecimento sobre a diversidade cultural, construindo e ampliando, a consciência social e política.

Entre os projetos de extensão, ganha destaque aquele que foi foco do presente Trabalho de Conclusão de Curso: “Práticas da Capoeira e seus Valores Culturais no Recôncavo Baiano”. Posto isso, é importante ressaltar que sou integrante do mesmo e, fui um dos executores na qualidade de bolsista no ano de 2017 a 2018. Como executor, minha função era auxiliar o coordenador e o mestre no desenvolvimento das atividades, nas aulas de capoeira, nas apresentações, nas palestras e nos seminários, com temas sobre educação e questões raciais e africanas, entre outros.

Nesse processo, como forma de entender melhor essa prática na qual estava e, continuo evolvendo e, de certa forma, como modo de compreender os desafios sociopolíticos, considerando, estratégias de exploração e divulgação de seus aspectos positivos, surgiu o interesse em desenvolver uma pesquisa. Isso é possível e legítimo, pois, como propõe Schon, (1992 apud FAGUNDES, 2016, pp. 290-291) “a reflexão na ação está em relação direta com a ação presente, ou seja, o conhecimento na ação. Significa produzir uma pausa – *para refletir* – em

meio à ação presente, um momento em que paramos para pensar, para reorganizar o que estamos fazendo, refletindo sobre a ação presente”.

Ou seja, foram seguidas as mesmas orientações difundidas no campo da educação quando se trata de um “professor reflexivo”. Desse modo, o presente trabalho de conclusão de curso (TCC), obrigatório para a obtenção de título de graduação do curso de licenciatura em Pedagogia, cujo tema é “*A Ancestralidade Ela Está Sempre do Nosso Lado: A Capoeira como Estratégia para Operacionalizar a Lei*

10.639/2003 no Ensino Superior: O caso da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira”, tem como objetivo compreender se e como a capoeira é uma estratégia pedagógica para a operacionalização da Lei 10.639/2003, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Nesse processo investigativo utilizamos uma perspectiva metodológica de cunho qualitativo, por meio dos procedimentos técnicos para a geração de dados, o grupo focal e entrevista. O presente trabalho de pesquisa está estruturado em quatro capítulos. O primeiro se refere a “**História de capoeira**”, e encontra-se dividido em 3 (três) tópicos: “**história da capoeira no Brasil**”, no qual trazemos algumas informações sobre o contexto histórico da criação da capoeira e seu processo de criminalização até a sua descriminalização. No segundo, a “**Capoeira Regional: valores e princípios**”, apresentamos os princípios, valores e seus processos de interpretações e no terceiro, a “**Capoeira Angola: valores e princípios**”, argumentamos sobre os valores e princípios desta modalidade de Capoeira, seu declínio e tentativa de restauração.

O segundo capítulo intitulado “**Capoeira no contexto escolar: para além da Educação Física**” buscou-se discutir a capoeira enquanto um elemento importante para compor o curricular escolar, visando a formação integral de alunos e alunas e não como uma mera atividade vinculada a Educação Física. Esse capítulo, como o primeiro, também se divide em um tópico que é o “**Projeto da Unilab no contexto da Lei 10.639/03**”, no qual é apresentado o projeto da Unilab, suas propostas, enquanto um resultado da Lei e como, também, um mecanismo de efetivação da mesma.

O terceiro capítulo se refere aos procedimentos metodológicos, intitulado “**Metodologia**” e se divide em quatro subtópicos. O primeiro, “**Sujeitos da pesquisa**”, são apresentados os sujeitos entrevistados, suas idades, escolaridades e tempo de participação no projeto de capoeira. O segundo, “**Contexto da pesquisa**”, é apresentado o contexto, realidade social e onde se desenvolveu a pesquisa. No terceiro, intitulado “**Procedimentos para geração de dados**”, são apresentadas as técnicas utilizadas para geração de dados, suas definições e justificativas para a sua escolha.

O quarto e último capítulo, “**Análises dos resultados**”, analisamos as respostas dos entrevistados em diálogos com autores e autoras que tem discutido temas relacionados as perguntas que lhes foram feitas. Esse capítulo está estruturado em oito tópicos. 1° “*A capoeira: o início*”; 2° “*A prática da capoeira e seus*

desdobramentos: o que muda com a prática da capoeira?"; 3° "A capoeira pode ser uma filosofia de vida"; 4° "A capoeira propicia o contato com a ancestralidade?"; 5° "O resgate e a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira"; 6° "A questão do gênero no contexto da capoeira"; 7° "O mestre e seus discípulos: a capoeira como processo de ensinar e aprender" e 8° "Comunidade e a universidade: o projeto de extensão como meio de consolidação da Unilab".

2 CAPÍTULO I: HISTÓRIA DA CAPOEIRA: ALGUNS ELEMENTOS

2.1 HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL

As teorias sobre a origem da capoeira são divergentes. Algumas pesquisas apontam a sua origem vinculada ao período colonial e, que sua criação teria sido realizada pelos africanos escravizados. Já, outras, apontam que ela teria sido criada na África e, ainda, há aquelas que defendem que a capoeira sofreu influências de rituais indígenas, ou então, de elementos oriundos de culturais europeias (ZONZON, 2011). Para o autor, com base na argumentação de Barbosa (2007), a origem da capoeira possui três mitos fundadores: 1º) a sua origem afro-diaspórica; 2º) como criação dos escravos quilombolas no Brasil; 3º) como criação dos índios brasileiros surgindo, assim, a origem do nome: Jogo.

Em relação à teoria que defende a origem afro-diaspórica, fundamenta que a capoeira surgiu na África e foi trazida para o Brasil pelos africanos escravizados. Ela sustenta que existiam, em alguns países africanos, onde as pessoas foram sequestradas e escravizadas, o desenvolvimento de danças guerreiras similares a capoeira, como, por exemplo, *ladja* da Martinica. Também, o que corrobora com essa teoria é o fato de a capoeira ter sido desenvolvida, especialmente, em lugares onde chegaram grande números de africanos escravizados, como, por exemplo, no Rio de Janeiro, em Salvador e em Recife. (BARBOSA, 2007)

Já a teoria que defende a origem de criação da capoeira aos escravizados quilombolas no Brasil, se justifica pela história que relata o cenário de resistência dos quilombos às escórias da colonização e capitães do mato, quando necessário. Para essa teoria, foi no século XVII, no contexto das invasões holandesas, no litoral baiano e pernambucano, onde ocorreu a fuga de um grande número de escravizados, que se organizaram em centenas de quilombos. (CORDEIRO; CARVALHO, 2013)

Os quilombos foram estabelecidos em várias regiões do Brasil, onde havia escravização. Sendo assim, os africanos escravizados ao fugirem pelos lugares estratégicos onde podiam estabelecer suas resistências, tiveram contato com os índios. Contato esse que foi tanto amigável quanto hostil. Daí que o mito de origem da capoeira, que intitula os índios como criadores, é ancorado nesses fatos. A capoeira, primeiramente, foi associada ao termo *Tupi*, que era usado para nominar negros quilombolas como “negros das capoeiras”, com o passar do tempo, “negros

capoeiras” e, finalmente, apenas como “capoeiras”. Paralelo a isso, a palavra “mato” passou, etimologicamente, a significar “pessoas” e, por sua vez, as atividades desenvolvidas por pessoas, passaram a ser designadas por “capoeiragem”. Posteriormente, o termo “capoeira” passou a significar estratégias de sobrevivência e de resistência da comunidade negra e uma forma de luta. (CORDEIRO; CARVALHO, 2013)

Como argumenta Zonzon (2011), a defesa de cada uma dessas teorias, teria surgido de fontes múltiplas; pesquisas historiográficas, ou etnográficas, e estudos etimológicos sobre a palavra capoeira e, ainda, da investigação da tradição oral. Dentre aqueles que acreditam que a origem da capoeira se deu aqui no Brasil, como as demais teorias, também apresentam contradições baseadas em significados etimológicos da palavra capoeira, ou seja, se é de origem urbana ou rural.

Foi nos finais dos anos 1930, durante o processo de legitimação da prática da capoeira que as discussões e ponderações sobre o que seria a sua verdadeira natureza e origem, foram intensificadas. Por trás de todas as divergências quanto à sua origem, “(...) estavam em jogo, o valor a ser atribuído a essa manifestação, bem como a legitimidade dos grupos que poderiam, com direito, reivindicar-se como representantes da sua tradição” (ZONZON, 2011, pp. 131-132). Na dissertação realizada por Filgueiras (2007), há um pequeno quadro elaborado pelo etnólogo Waldeloir Rego (1968), sobre as acepções da palavra capoeira, que contribui para essa compreensão.

Definições para o termo Capoeira		
Contexto	Fonte	Significado
Rural	(i) Etimologia tupi-guarani;	Mato que nasceu no lugar do mato que se derrubou;
	(ii) Catálogos/dicionários da fauna brasileira;	Ave encontrada em várias regiões do Brasil;
Urbano	(iii) Etimologia portuguesa;	Cesto para guardar capões (galos);
	(iv) Em dicionários e glossários;	Jogo praticado por vadios de baixa esfera.

Ao realizar uma análise, relacionando os significados etimológicos da palavra capoeira ao local de origem da prática, Zonzon (2007), afirma que:

Assim, o contexto rural está indicado **(i) na etimologia tupi-guarani**: na qual o sentido do termo Capoeira é de mato; e nos **(ii) catálogos e dicionários da fauna brasileira**, nos quais é listada e descrita uma ave que leva o mesmo nome – entre os exemplos, de utilização do termo com esta significação, está a definição de Nascentes (1955), que compara o jogo da capoeira com as lutas travadas pelo macho ciumento e seu rival. No que concerne os significados que sugerem uma origem urbana da capoeira, temos como fonte **(iii) a etimologia portuguesa**, segundo a qual o termo é usado para se referir a um cesto utilizado para guardar capões (galos); E também os **(iv) glossários regionais especializados e dicionários**, entre os quais vale citar *A gíria Portuguesa* (1901), de Alberto Bessa, que define o termo capoeira como —jogo de mãos, pés e cabeça, praticado por vadios de baixa esfera (gatuno). (REGO, 1968, *apud* ZONZON, 2007, pp. 19,20)

Ainda, para o autor, baseando-se em pesquisadores como Thomas Holloway, Antônio Pires e Carlos Soares, afirma que a perspectiva etimológica portuguesa da palavra capoeira (que associa à sua prática a um contexto urbano, fazendo alusão ao antigo mercado de aves no Rio de Janeiro, onde os escravizados, no seu tempo livre, costumavam jogar capoeira) refuta o mito de origem da capoeira defendido por J. Lewis (1992). Para ele,

a utilização da etimologia tupi-guarani para o termo capoeira é a preferida na tradição oral dos capoeiristas porque dá o pano de fundo para o mito de origem e conecta dois fenômenos, a escravidão e a luta pela liberdade: (i) o mato secundário que nasceu no lugar da mata virgem e para onde os escravos fugiam (ii) para praticar uma atividade marcial, escondido dos senhores de engenho (LEWIS, 1992, *apud* ZONZON, 2007, p. 20)

De fato, entre todas as especulações teóricas sobre a origem da palavra capoeira, a mais comumente aceita é aquela que reforça o mito de origem que vincula o seu surgimento ao contexto colonial, criada pelos negros africanos escravizados, aqui no Brasil. A escravização no Brasil começou com os indígenas, os nativos. Os quais, para a exploração da terra, eram forçados pelos colonizadores, os portugueses, a trabalharem. Devido aos maus tratos e os trabalhos intensivos, os mesmos, em quantidades significativas, acabaram por adoecer e morrer. Frente a tal circunstância, a única alternativa era a busca de mão de obra, nos países africanos. (FONTOURA, GUIMARÃES, 2002).

Para ilustrar, considera-se que foi no séc. XVI, mais ou menos no ano 1550, que os primeiros africanos escravizados, foram trazidos para o Brasil. Como é de

conhecimento, os mesmos foram submetidos às condições desumanas, “[...] trabalhando num regime de sol a sol, comandados pelos chicotes dos feitores, eles derrubavam as matas, preparavam a terra, plantavam a cana e produziam, com o amargor do seu sofrimento, o açúcar, doce riqueza dos seus senhores” (AREIAS, 1996, apud FONTOURA, GUIMARÃES, 2002, p.2) e corriam, ainda, o risco de serem castigados e punidos, quando não dessem bons rendimentos.

Além dos maus tratos, havia ainda um processo de aculturação pelo qual eram obrigatoriamente submetidos, já que a colonização não se limitava apenas ao domínio do território, mas, também, ao domínio cultural. Diferentemente do que a narrativa eurocêntrica e colonizadora afirma, os escravizados desenvolveram várias estratégias de organização e de rebelião, diante das situações em que se encontravam, apesar de que “[...] não lhes era permitido o uso de qualquer arma ou prática de meios de defesa pessoal que viessem pôr em risco a segurança de seus senhores”. (FONTOURA, GUIMARÃES. 2002, p.02). É, nesse sentido, que criaram estratégias de luta que não fossem perceptíveis pelos colonizadores. De acordo com Areias (1983),

Como os escravos africanos não possuíam armas para se defender dos inimigos, - os feitores, os senhores de engenho -, movidos pelo instinto natural de preservação da vida, descobriram em si mesmos a sua arma, a arte de bater com o corpo, à semelhança das brigas dos animais, suas marradas, coices, saltos e botes. Aproveitaram ainda suas manifestações culturais trazidas da África, suas danças, cantigas e movimentos. Dessa forma nasceu o que hoje chamamos de capoeira”. (AREIAS, 1983, apud FONTOURA & GUIMARÃES, 2002, p.03)

Os escravizados encontraram uma forma de luta, uma forma de resistência contra os maus tratos sofridos, denominando mais tarde, essa forma de resistir, de Capoeira, que eram treinadas por meio de movimentos disfarçados em ritmos de músicas e danças. Com a percepção do perigo que essa luta representava para os colonizadores e ao sistema colonial, ela passou a ser proibida e era castigado quem fosse pego praticando-a. Desde então, a capoeira passou a ser alvo de perseguição, e seus praticantes ganharam o *status* de desordeiros e vadios. Contra os primeiros capoeiras, entre os quais, os escravos fugitivos, negros libertos e, sujeitos marginalizados pela sociedade escravagista, foram criadas uma série de Leis penais que os consideravam como desordeiros e delinquentes, sendo rigorosamente vigiados e punidos (VIEIRA, 2004, p.03).

Para Vieira (2004), a medida que os escravizados iam obtendo sua liberdade por meio de cartas de alforrias ou de compras de sua liberdade, iam, também, fortificando as Leis de proibição, tornando-se, cada vez, mais vigentes. No entanto, segundo o autor, o período de maior perseguição dos capoeiras teria sido no ano 1808 quando, com a chegada de D. João VI e sua corte para o Brasil, fugindo das tropas napoleônicas e, temendo serem aniquilados por espiões estrangeiros ou por possíveis revoltas de escravizados, criou-se a Intendência Geral da Polícia através do alvará de 10 de maio de 1808, organizando uma nova estrutura à polícia, em prol de segurança da corte real e da cidade do Rio de Janeiro. “Após a criação da Intendência Geral de Polícia, a capoeira nunca mais teve paz, tendo a partir daquela data, inúmeros perseguidores”. (VIEIRA; 2004, p.04). O autor (2004), mapeou algumas Leis que proibiam a prática de capoeira, dentre elas, as que seguem:

- ✓ **Decisão** de 31 de outubro de 1821: determinou sobre a execução de castigos corporais em praças públicas a todos os negros chamados capoeiras;
- ✓ **Decisão** de 05 de novembro de 1821: determinou providências que deveriam ser tomadas contra os negros capoeiras na cidade do Rio de Janeiro;
- ✓ **Decisão** de 06 de janeiro de 1822: mandava castigar com açoites os escravos capoeiros presos em flagrante delito;
- ✓ **Decisão** de 28 de maio de 1824: dava providências sobre os negros denominados capoeiras;
- ✓ **Decisão** de 14 de agosto de 1824: mandava empregar nas obras do dique os negros capoeiras presos em desordem, cessando as penas de açoites;
- ✓ **Decisão** de 13 de setembro de 1824: declara que a portaria de número 30 do mês de agosto compreende somente escravos capoeiras; □
- ✓ **Decisão** de 09 de outubro de 1824: declara que os escravos presos por capoeiras devem sofrer, além da pena de três meses de trabalho, o castigo de duzentos açoites.
- ✓ **Decisão** de 27 de julho de 1831: manda que a junta policial proponha medidas para a captura e punição dos capoeiras e malfeitores. □
- ✓ **Postura** de 17 de novembro de 1832: proibia o Jogo da Capoeira: “...trazem oculto em um pequeno pau escondido entre a manga da jaqueta ou perna da calça uma espécie de punhal...” “tomam providências contra todo e qualquer ajuntamento junto às fontes, onde provocavam arruaças e brigas; próximo a Igreja do Rosário, no Largo da Misericórdia, onde à noite as mulheres de reúniam...”
- ✓ **Decisão** de 17 de abril de 1834: solicita providências a respeito dos operários do arsenal de marinha que se tornarem suspeitos de andar armados (fez referência a uma acusação de assassinato feita contra um negro, e mencionou que já haviam sido dadas ordens ao chefe de polícia sobre as capoeiras).
- ✓ **Decisão** de 17 de abril de 1834: dá providências a respeito dos pretos que depois do anoitecer forem encontrados com armas ou em desordens.
- ✓ **Postura** de 13 de dezembro de 1834: dá mais providências contra as capoeiras.

A capoeira não foi somente alvo de perseguição, como também foi usada, muitas vezes, para fins políticos e perseguição dos próprios capoeiristas e interesse do Estado:

A Capoeira, (...) antes de ser uma luta era uma instituição, conforme nos aponta um texto extraído do Jornal Gazeta de Notícias em 1880, que sugeria para estas agremiações no nome de “*Partido Capoeira*”, o qual a partir das “*Maltas*”, mercantilizava a violência, a qual era contratada por políticos profissionais de situação ou de oposição, a primeira, dos Nagoas, ligando-se ao Partido Conservador e a segunda, dos Guaiamus, ao Partido Liberal. A própria polícia, como vimos, contratava capoeiras para combater outros capoeiras, de forma que havia, além de antagonismos, também cumplicidades entre os agentes envolvidos. (VIEIRA, 2004.p. 09)

Outro momento em que o Estado e o governo brasileiro da época fizeram uso dos capoeiras foi quando foram recrutados para guerrilharem contra o Paraguai. Cordeiro e Carvalho, (2013, p. 83) dizem que “(...)” os capoeiras tiveram papel fundamental na guerra do Paraguai onde foram formados batalhões específicos de negros, em sua grande maioria, capoeiristas, que receberam o nome de Zuavos”. Nessa época, a capoeira era representada negativamente pelas mídias, especialmente, pelos jornais. Em todas as ocasiões ou locais onde havia desordem, eram divulgados como espaços da prática de capoeira, de “capoeiragem”. E, a desordem era associada aos homens do povo, em sua maioria negra, esses homens eram recrutados forçosamente pelas autoridades policiais da época, para servirem a Marinha de Guerra Brasileira e ao Exército. Para Barbosa (2007), isso representava uma ação punitiva das autoridades quanto as práticas desordeiras dos capoeiras. Contudo, houve alistamento voluntário por parte de alguns escravizados que almejavam conseguir, em troca de sua participação na guerra, a liberdade.

Para Vieira (2004), o sentenciamento dos capoeiras a participarem na guerra do Paraguai se constituía, não apenas em uma medida coercitiva, mas, também, refletia uma estratégia, do então governo, de reduzir o número de capoeiristas, visto que, se tratando de guerra, era muito provável que muitos não retornassem.

O início do período republicano, o que alguns autores chamam de “República velha”, deu continuidade ao processo de repressão aos capoeiras, por meio de Leis proibitivas, com propósito de erradicar a prática de capoeira da sociedade brasileira. Desse modo, em 1890 deram início às perseguições políticas e jurídicas, incluindo a prática de capoeira no Código Penal da República dos Estado Unidos do Brasil, pelo

decreto 847 e, este esteve em vigor até meados de 1960. A capoeira era tratada de seguinte forma nesse decreto:

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular de dois a seis meses. A penalidade é do art. 98. Parágrafo Único- É considerada circunstância agravante pertencer o Capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes se imporá pena em dobro; Art. 403- No caso de reincidência será aplicada ao Capoeira, no grau máximo a pena do art. 400. Parágrafo Único- Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena. Art. 404- Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrada com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (VIEIRA, 2004, pp. 14/15)

Essas legislações surgiram com a proclamação da República, momento em que o Exército brasileiro se ascendeu ao poder e, com uma postura conservadora, estabeleceu como prioridade a consolidação do regime, através da manutenção da ordem, da valorização dos símbolos nacionais e, do fortalecimento de um nacionalismo no país, como fatores preponderantes para se obter progresso. (VIEIRA, 2004). A partir daí, a polícia passou a reprimir com mais força e violência os seus praticantes. “(...)” desse modo, o século XIX é marcado, principalmente nos arredores das cidades do Rio de Janeiro e de Recife, por histórias de combates e conflitos entre as maltas dos capoeiras e os policiais”. (BARBOSA, 2007, p.18)

Na realidade, como Vieira (2004) bem analisa, o que se pretendia de fato era a domesticação da Capoeira que se representava como ameaça, pela sua natureza de luta e resistência, contra a opressão. E, por outro lado, a tentativa da erradicação da cultura negra. Pois, como bem pontuam Cordeiro e Carvalho (2013), a criminalização de capoeira se deu também porque era uma prática provinda de uma cultura incompatível com aquela propagada e disseminada, de forma impositiva, pelas castas dominantes.

No contexto da República Velha, as elites baianas sonhavam em transformar a capital da Bahia numa metrópole moderna e civilizada, aos moldes da sociedade europeia. Para isso, acreditavam ser necessário reformar a arquitetura da cidade, e mais do que isso, o que se pretendia era “desafricanizar as ruas”, ou seja, erradicar de Salvador todos os hábitos e costumes do povo que lembrassem a África. Grande parte da população soteropolitana era composta por negros e mestiços, e o cotidiano da cidade era marcado por diversas manifestações da cultura negra. Com o movimento

pretendido de reforma e higienização do espaço urbano, multiplicaram-se as reclamações moralistas da imprensa e se acirrou a repressão policial contra tais práticas culturais. Portanto, não é de se surpreender que, nesta época, uma boa parte das camadas populares soteropolitanas, fosse ela desordeira de fato ou não, tivesse sua vida marcada por recorrentes confrontos com a lei. (BARBOSA, 2007, p.25)

Ainda, para o autor, a primeira República foi o momento de maior inquietação da capoeira baiana e, conseqüentemente, o momento de maior perseguição e repressão policial. Essa perseguição não tinha somente como alvo a capoeira, mas, também, outras manifestações, ou espaços culturais negros africanos, a título de exemplo, os terreiros de candomblé e o samba, o que corrobora com a suspeita de Vieira (2004) de que, por trás de tudo, a intenção era dissipar da sociedade brasileira, as culturas africanas. Durante a transição para o séc. XX, a prática capoeira, ao ser analisada por pesquisadores e teóricos vinculados à área da Educação Física, em especial, aqueles que a compreendiam como uma forma de melhoria para a qualidade de vida, ganhou novos *status* na sociedade.

As teorias sobre a melhoria da qualidade de vida proveniente da Educação Física, em especial as correntes teóricas francesas, encontraram bastante aceitação no território nacional. A capoeira, então, foi submetida a um processo de esportivização, pois muitos intelectuais passaram a defender a ideia de que esta representaria a “luta nacional”, (assim como outros países, bem como o Jiu-jitsu no Japão, o Boxe na Inglaterra) uma manifestação genuinamente brasileira e que possuía todas as características que as emergentes teorias sobre a ginástica e Educação Física preconizavam. Então, a capoeira precisou passar por um “processo civilizador”. A sua relação com a criminalidade deveria ser apagada, as maltas desmanteladas e extinguidas para, enfim, poder ser aproveitadas suas características desportivas. (CORDEIRO E CARVALHO, pág. 77)

Essa nova posição da capoeira exigia sua mudança radical. Pelas tantas fases turbulentas que a capoeira tinha enfrentado; perseguições, criminalização, castigos, etc. essa nova etapa seria, aos olhos de alguns capoeiristas e intelectuais da época, uma oportunidade para mudar o *status* social da capoeira e dos capoeiristas, vistas até então como desordeiros, preguiçosos e criminosos. No entanto, os fundamentos originais da capoeira sofreram alterações e se configurou um novo estilo de capoeira, capoeira Regional, o que gerou uma tensão entre aqueles que defendia a reconfiguração da capoeira em prol de um novo *status* social e aqueles que, não

necessariamente negavam ou não reconheciam a necessidade de um novo *status* social da capoeira, defendiam a salvaguarda dos princípios e fundamentos da capoeira primitiva, a Capoeira Angola. (CAMPOS, 2009)

2.2 CAPOEIRA REGIONAL: VALORES E PRINCÍPIOS

De acordo com Campos (2009), a Capoeira Regional é uma combinação da capoeira primitiva, capoeira Angola, com o Batuque, “(...)” uma luta irada e violenta, na qual o objetivo era derrubar o adversário no chão, usando as duas pernas” (CAMPOS, 2009. p.53). Em outros estudos sobre a capoeira, mestre Bimba - Manoel dos reis Machado - está entre aqueles que defendia a reconfiguração da capoeira, em prol de um novo *status* social que reconhecesse a sua importância e, daqueles que a praticavam. Sendo assim, o estilo regional criado por ele, é fruto da necessidade de criar uma “roupagem” à capoeira que, até aquele momento, era estigmatizada como coisas de marginais, desordeiros e desocupados.

Para obter sucesso nessa reconfiguração, adaptada aos moldes da sociedade pós-colonial, mestre Bimba contou com apoio de pessoas influentes (universitários e filhos de personalidades importantes) das camadas de classe média e, média alta de Salvador. Ele retirou a capoeira da rua, criando uma academia como espaço de aprendizagem e, combinando a capoeira com elementos (golpes) de outras lutas marciais, atribuindo-lhe o nome de Luta Regional Baiana que, com passar do tempo, veio a ser conhecida por Capoeira Regional. (ABIB, 2017)

Outra explicação que teria levado mestre Bimba a modificar a capoeira primitiva foi a forma como os capoeiristas da época praticavam capoeira na rua. De uma forma folclórica, com a pretensão comercial, fugindo da sua essência, distanciando-se da arte da guerra, dissipando os principais golpes e os movimentos tidos como decisórios e, até mortais. Em suma, a preocupação de Bimba era, basicamente, de manter viva a essência original da capoeira como luta de resistência. Por isso, ele queria ver uma capoeira forte, determinante e que mostrasse seu potencial e valor em qualquer situação; quer na rua, quer no ringue, no confronto com a polícia ou demais possíveis situações. (CAMPOS, 2017)

2.3 CAPOEIRA ANGOLA: VALORES E PRINCÍPIOS

Todo o processo no qual se configurou a capoeira regional e o “desmantelamento” da capoeira primitiva, fez suscitar uma revolta dos capoeiristas que defendiam “(...) a preservação das formas originais e tradicionais de praticar a capoeira: ludicidade e a ritualidade, deixadas de lado, pela “eficiência” da capoeira Regional”. Dentre eles, se destacava, como liderança, Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como mestre Pastinha, que também abriu uma academia, dando um carácter institucional ao jogo de Angola. (CORDEIRO & CARVALHO, 2013; ABIB, 2017)

Quando se fala de capoeira Angola hoje em dia, se pensa de imediato no nome como forma de diferenciar as modalidades de capoeiras existentes. Na verdade, Capoeira Angola é o nome dado à prática inicial da capoeira durante a sua configuração no Brasil colônia. Essa denominação se deve, segundo Campos (2009), pelo fato de serem os Angolanos, de etnia *Bantu*, os primeiros africanos escravizados a chegarem no Brasil e, em especial, na Bahia.

Ao longo do tempo, mais especificamente a partir dos anos 40 do século passado, o nome capoeira Angola, bem como a sua reestruturação enquanto uma prática tradicional, se institui “(...) em resposta e numa dinâmica de concorrência com relação ao sucesso obtido pela capoeira regional de Bimba, que vinha ganhando visibilidade e reconhecimento, graças à confiança e o apoio das classes média e alta”. (ABIB, 2005; REIS, 2000; ZONZON, 2001, apud ZONZON, 2011, p.133). Mas, a preocupação em recriar a capoeira Angola não era meramente competitiva. Tinha também uma preocupação com a construção de uma imagem da capoeira diferente do que se tinha durante período colonial e, principalmente, com o resgate e valorização das heranças africanas presentes nessa manifestação.

Tratava-se de outra estratégia no sentido de construir uma nova imagem da capoeira que pudesse ser mais bem aceita socialmente. Nessa segunda sistematização, foram destacados os elementos religiosos e lúdicos da capoeira, a temática da identidade nacional dando lugar a um resgate da herança africana”. (ZONZON, 2011, p. 133)

Desse modo, a reivindicação dos aspectos tradicionais, originários da capoeira “Pimitiva” que foram se perdendo com o novo estilo criada pelo mestre Bimba, se tornou um princípio político e cultural, da capoeira Angola. Por isso, essa modalidade

é chamada, também, de capoeira raiz e/ou tradicional. Entretanto, a popularidade com que a capoeira regional foi alcançando, fez com que a capoeira Angola enfrentasse longos períodos de declínios, correndo risco de desaparecer totalmente. Pouquíssimas pessoas praticavam essa capoeira. Finalmente, na década de 1980 do séc. XX, essa modalidade de capoeira começa a retomar sua força e popularidade, graças a um grupo de lideranças baianas que desencadeavam um processo de valorização e conscientização negra e de africanidade. Essas lideranças contaram com o apoio dos militantes do movimento negro, intelectuais baianos e, com forte apoio de alguns mestres tradicionais da capoeira Angola, nomeadamente, mestre João Pequeno, mestre João Grande, mestre Curió e, o mestre Moraes. Desde então, a capoeira Angola vem crescendo em grande proporção tanto no Brasil como em vários outros países da Europa, Ásia e, também, nos Estados Unidos da América. (ABIB, 2017)

A prática de capoeira deixou de ser considerada crime no governo de Getúlio Vargas, a partir do ano 1934. Vargas teria expedido um decreto sob o qual a capoeira passaria a gozar de um reconhecimento e de maior prestígio, perante a sociedade (CORDEIRO e CARVALHO, 2013). Contudo, esse reconhecimento social e dissociação legal, enquanto uma prática criminalizada, não foi suficiente para apagar os estereótipos negativos atribuídos a ela, desde o período colonial. Conseqüentemente, ao longo do tempo, isso restringiu a sua inclusão nos espaços sociais e institucionais bem como a participação da população nessa prática cultural. Por outro lado, Abib (2004), citado por Cordeiro e Carvalho (2013), afirma que,

a legalização da capoeira e outras manifestações da cultura negra, como o Candomblé, no governo de Vargas também possuía um viés regulador, pois estas, a partir de então, deveriam ser realizadas em espaços fechados e com alvará de instalação, a legalização acabou se tornando um meio eficaz de controle social. (ABIB, 2004, apud, CORDEIRO & CARVALHO, 2013, p.12)

O que parece óbvio é que a Capoeira sofreu tanto no período colonial quanto pós-colonial, ou seja, na República, uma perseguição e discriminação não só pelo seu caráter de luta e resistência, mas, também, por se tratar de um aspecto cultural com bases fincadas na cultura africana. Uma cultura inferiorizada pela perspectiva eurocêntrica que se coloca como modelo, tentando demarcar como inválidas e dignas de desprezo, todo e qualquer cultura que foge dos seus moldes, sobretudo, a africana.

Ideologias empregadas no período colonial e que se assolou o período pós-colonial, demarcaram e, ainda demarcam, como inferiores a cultura do povo negro.

Por toda sorte, capoeira hoje tem conquistado, de forma gradativa, espaços que antes eram inimagináveis, como, por exemplo, as escolas, as universidades etc. Ainda, no processo de sua conquista, ela foi reconhecida, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pela Unesco, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e Patrimônio Imaterial da Humanidade nos anos de 2008 e 2014. (FLORES, IVO, 2016). Contudo, ainda, existe uma visão, por vezes equivocada, baseada no tratamento que lhe foi dado, ao longo da história do Brasil.

3 CAPÍTULO II: A CAPOEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR: PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO FÍSICA

3.1 A CAPOEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR

A capoeira começou a adentrar as instituições de ensino nos finais do século XX, início do século XXI, momento em que as teorias científicas influenciaram fortemente a sociedade brasileira, sobretudo, àquelas que destacam a importância da Educação Física, para a qualidade de vida. Com o reconhecimento dos benefícios para o físico, a capoeira, passa a ser defendida e prestigiada, principalmente pelos intelectuais do período, como uma modalidade de esporte riquíssima para ser aproveitada, já que, ela atendia as características necessárias e adequadas à Educação Física “a lateralidade, o equilíbrio, a coordenação motora, (...) a agilidade, a velocidade, a resistência e a flexibilidade”. (CAPICHE; MARTINS, 2018, p. 13)

A partir desse momento, a capoeira ganha um novo patamar, podendo se reconfigurar, do ponto de vista social, e começa a ganhar outros espaços e se expandir, com maior força, por outras camadas sociais. No entanto, o que é problemático, é a sua redução a um mero esporte, “esquecendo-se”, ou desprezando-se, seus valores culturais, históricos e educativos, servindo apenas como uma técnica, especialidade da Educação Física, de preparar o corpo físico, para uma qualidade de vida almejada.

Nesse contexto da desvalorização dos aportes culturais e históricos, surgem reivindicações para que ela, a capoeira, seja praticada e compreendida, para além da simples esportivização, que se preocupa apenas com o corpo em seus aspectos físicos. Na verdade, a própria Educação Física começa a ser questionada, pelo fato dela ser essencialmente seletiva, abstrata, respondendo às orientações técnicas para habilidades corporais padronizadas, assumindo, assim, um carácter mais tecnicista do que educativo. Desta forma, foram desenvolvidas visões que procuravam romper com essa característica tecnicista e excludente, em prol de uma nova vertente de uma Educação Física que tivesse, em seus pressupostos pedagógicos e metodológicos, a preocupação com o cultural, o social, o pessoal, o cognitivo, o afetivo, a diversidade etc.

Há muito se critica a esportivização da Educação Física na escola e, principalmente na década de 80, esse movimento se intensificou, tomando uma forma de denúncia, através de trabalhos de diversos autores, como Valter Bracht e João Paulo Medina, por exemplo. Essa crítica/denúncia ocorreu devido à orientação metodológica que se dava no ensino da Educação Física, com vistas a manter o *status quo* de uma sociedade capitalista, exploradora e, portanto, dominante. (MEDEIROS; PERES, 2007, p. 04)

Mais recentemente surgem acadêmicos e amantes do esporte, como, por exemplo, prof. Odilon Jorge Daltro de Góes e Prof. Hélio José B. Carneiro de Campos que reforçam, em um tom de reivindicação, a inclusão da capoeira, enquanto uma prática educativa ou uma modalidade de Educação Física, defendendo, principalmente, a valorização do seu aspecto histórico-cultural e pedagógico, enfatizando a sua importância na formação do homem, ampliando seu horizonte cultural e desenvolvendo tanto interesse como respeito pela diversidade cultural que compõem a nação brasileira. (CAMPOS, 2001)

É importante mencionar que somente em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96 que reestrutura a educação brasileira, a Educação Física, enquanto um componente curricular, passou a ser desenvolvida no âmbito escolar por profissional habilitado e responsável por esta área de conhecimento. A mesma LDB possibilita aos conselhos de educação, às escolas e aos professores/as, a liberdade de organizar e estruturar o ensino de acordo com as realidades das escolas e das regiões, para onde ela se destina. (SOUSA & OLIVEIRA, 2008)

No entanto, como já destacado, o modelo de Educação Física que vigorava era descontextualizada e assumia uma perspectiva pedagógica acrítica, regida pelas vertentes de carácter tecnicista, esportistas e biologista, voltada mais para o desenvolvimento da aptidão física do aluno, reforçando, dessa forma, os moldes sociais das castas dominantes, promovendo e ampliando, as desigualdades sociais por elas estabelecidas. Ou seja, como o todo da educação, naquele momento, a Educação Física se configurava mais como um modelo de educação excludente, já que, somente tinha sucesso os mais habilitados. Por negação a isso tudo, grupos que reivindicam por uma educação mais democrática, passaram a desenvolver estratégias metodológicas, com base em princípios educativos e formativos que considerassem as influências que o meio físico e social tem sobre o desenvolvimento humano (SOUSA & OLIVEIRA, 2008).

Era ausente, na Educação Física, uma concepção pedagógica que valorizasse as singularidades do aluno, a historicidade, a sociedade, etc. e que tivesse como objetivo, a formação integral dos mesmos, não se limitando a uma educação autoritária, exógena, ao mero “esporte pelo esporte”, como conteúdo. Nessa lógica de reconfiguração da perspectiva de Educação Física e, tendo como coadjuvante certa autonomia atribuída pela LDB n. 9.394/96 aos conselhos de educação, às escolas e aos professores, no que tange a organização e estruturação do ensino, diferenciando-o de região para região e, de escola para escola “[...] verificou-se a necessidade de estruturar a capoeira como conteúdo da Educação Física escolar”. (SOUSA & OLIVEIRA 2008, p. 43, 44)

A história, características e princípios da capoeira teria sido, segundo Sousa & Oliveira (2008), a justificativa necessária para a sua inclusão e estruturação, enquanto conteúdo da Educação Física escolar. A capoeira é uma prática cultural emanada de um contexto histórico, conectada à própria história do Brasil, oriunda de movimentos comunitários e de lutas de classes, fazendo frente e transgredindo as perspectivas ideológicas e culturais das classes dominantes, se diferenciando, por isso, de outras modalidades que foram

“encaixadas” nas escolas, com expressões culturais distantes das realidades brasileiras (SOUSA & OLIVEIRA, 2008). Nessa mesma senda, Campos, (2001, p.23) argumenta que, a “Capoeira é uma excelente atividade física e de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno” e que, ainda, segundo ele, “atua de maneira direta e indireta sobre todos os aspectos cognitivo, afetivo e motor”.

A capoeira um elemento cultural multidimensional, entendido, também, como um sistema cultural, que possui um aglomerado de culturas de matriz africana e se desenvolveu adotando diversos sentidos ao longo da história, ela pode ser “[...] contemplada na escola pelos seus múltiplos enfoques que possibilitam a luta, a dança e a arte, o folclore, o esporte, a educação, o lazer e o jogo” (SOUSA & OLIVEIRA, p.44). No entanto, cabe registrar que o seu ensino na escola não deve ser fragmentado, é imprescindível, como afirmam Campos (2001), Sousa e Oliveira (2008), que ela seja ensinada e praticada de forma integral, porque, como os mesmos assinalam, só por meio de sua prática ordenada os alunos(as) poderão assimilá-la e se identificarem com os aspectos que melhor lhes convém. Ao professor, então, restaria o papel de orientar e estimular o aluno(a) para que esse aproveite ao máximo,

toda a sua potencialidade. Campos, ao se referir as potencialidades vinculadas à capoeira, destaca que ela, em sua integridade trabalha com os seguintes aspectos:

Capoeira luta – Representa a sua origem e sobrevivência através dos tempos na sua forma natural como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro. Deverá ser ministrada com o objetivo de Capoeira combate e de defesa. **Capoeira dança e arte** – A arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal, criatividade de movimentos, assim como um riquíssimo tema para as artes plásticas, literária e cênicas. **Na dança**, as aulas deverão ser dirigidas no sentido de aproveitar os movimentos da capoeira, desenvolvendo flexibilidade, agilidade, destreza, equilíbrio e coordenação em busca da coreografia e satisfação pessoal. **Capoeira folclore** – É uma expressão popular que faz parte da cultura brasileira e que deve ser preservada, promovendo a participação dos alunos tanto na parte prática como teórica. **Capoeira esporte** – Como modalidade desportiva e institucionalizada em 1972 pelo Conselho Nacional de Desportos, ela mesma deverá ter um enfoque especial para competição, estabelecendo-se treinamentos físicos, técnicos e táticos. **Capoeira educação** – Apresenta-se como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade, e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona, ainda, um autoconhecimento e uma análise crítica das suas potencialidade e limites. **Na educação especial**, a Capoeira encontra campo frutífero junto aos deficientes e excepcionais. **Capoeira como lazer** – Como prática não formal através das “rodas” espontâneas, realizadas nas praças, praias, colégios, universidades, festas de largo etc. **Capoeira filosofia de vida** – Muitos são os adeptos que se engajam de corpo e alma, criando uma filosofia própria de vida, tendo a capoeira como elemento símbolo, e até mesmo usando-a para sua sobrevivência. (CAMPOS, 2001, pp.23,24)

Essas potencialidades servem para evidenciar a utilidade que a capoeira pode ter dentro das instituições escolares, contribuindo para a formação integral dos alunos, tornando o seu uso para além da atividade física. Concernente a isso, o autor acredita ainda, ser importante frisar que,

[...] a aprendizagem da Capoeira não terá tão somente um aspecto técnico de aprender determinada forma de luta e de esporte; o ensino dos golpes e sequências deverá ser acompanhado da transmissão de todos os elementos que envolvem a sua cultura, história, origem e evolução, ao tempo em que se estimulará a pesquisa, debate e discussão em seminários, para que o educando tenha uma participação efetiva no contexto da Capoeira como um todo. A ideia é que durante as aulas os alunos possam participar de maneira integrada, jogando, cantando e tocando. (CAMPOS, 2001, p.27)

Na mesma direção, Souza e Oliveira (2008), salientam que a opção por uma nova concepção de Educação Física em detrimento daquela abstrata, autoritária e alheia ao contexto a que se propõe, aderiu-se a um novo quadro metodológico de ensino e aprendizagem que predispõe o desenvolvimento de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, nomeadamente; a *autonomia*, a *cooperação*, *postura não*

preconceituosa, entendimento do cotidiano pelo exercício da cidadania, historicidade, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. Valores, esses, possibilitados pela capoeira, já que,

Na roda da capoeira, essa **autonomia** é proporcionada aos alunos no próprio jogo, no qual o “jogador” tem a liberdade de se expressar com movimentos livres, sem a obrigatoriedade de soltar movimentos pré-determinados. A **criatividade** também é trabalhada, a roda faz com que o jogador crie movimentos, conforme a necessidade do andamento do jogo. Na parte musical, a criatividade também é despertada, pois, às vezes, o cantador cria as músicas conforme o acontecimento do jogo. **A cooperação e a participação social** são despertadas na medida em que os alunos forem tomando ciência de que, na roda, todos são importantes. Para uma roda de capoeira ter um desenvolvimento satisfatório, todos precisam participar; apenas dois jogam de cada vez, mas são necessários os tocadores, os cantadores e os que batem palma e respondem ao coro. Este conjunto sincronizado e atuante é que faz a roda ter um bom desenvolvimento. Na questão do **gênero**, nas aulas de Educação Física, não há necessidade de separação de meninos e meninas, pois, na prática da capoeira a discriminação não acontece, oportunizando meninas e meninos de jogarem e participarem juntos da roda de capoeira. É possível, assim, que ambos, meninos e meninas, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, compreendendo as diferenças e não reproduzindo relações autoritárias, machistas e estereotipadas. (SOUSA & OLIVEIRA, 2008, p.45)

A capoeira possibilita aos seus praticantes o conhecimento e, conseqüentemente, o respeito e a valorização sobre uma diversidade de aspectos culturais, o que, por sua vez, pode promover uma consciência e um comportamento não preconceituoso ou discriminatório perante as especificidades culturais distintas entre grupos étnico-raciais e sociais, deferentes. (BRASIL, 1997, apud, SOUSA; OLIVEIRA, 2008)

Outro ponto importante, que valoriza capoeira no contexto escolar enquanto conteúdo da Educação Física é a possibilidade que ela oferece de ser trabalhada de forma interdisciplinar (OLIVEIRA e SOUSA, 2008). Essa interdisciplinaridade, atende o que preconiza a Lei 10.639/2003 na medida em que são abordados, em salas de aula e nos componentes curriculares, como História, Geografia, Artes, Biologia etc. as temáticas sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. (MEDEIROS; PERES, 2017, p. 13,14)

3.2 A LEI 10.639: UM MARCO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Para Silvério e Trinidad (2011) o surgimento da Lei n.10639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para

o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana que provocaram a mudança da Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB) podem ser reconhecidas com um marco na história da educação do país, uma vez que, em suas propostas, agregam valores que prometem uma considerável transformação social, refletindo mudanças na forma como a sociedade se projeta e se caracteriza. Ainda, segundo eles,

A inserção e a valorização de culturas diferentes das ocidentais, muitas vezes de culturas originárias de populações do continente africano, no Brasil, participam ativamente na formação de diversos processos e práticas culturais como integrantes do debate contemporâneo, haja vista como a valorização de processos históricos advindos de culturas negras, bem como de sujeitos que assim se identificam, corresponderia à formatação de um processo similar à vivência da história na história, no qual os valores da população negra seriam repensados, reconhecidos e valorados positivamente (Rodrigues, 2005). Assim, é preciso reconhecer que a educação permaneceu como a política pública prioritária para o movimento negro, a partir da crença de que o fim das desigualdades educacionais e sociais geradas pelos históricos de práticas de racismo e discriminação direcionados aos não brancos só se dará com mais e melhor educação formal. (SILVÉRIO, TRINIDAD, 2011, p. 896).

Como é sabido, uma das pautas do movimento negro quanto a luta por uma Lei que exigisse a obrigatoriedade do ensino de história africana e afrobrasileira estava alicerçada na insatisfação dos resultados de estudantes negro/as quanto a incoerência dos conteúdos curriculares, o que, conseqüentemente, levava à evasão e déficit desses alunos/as.

A referida lei não foi sancionada de um dia para o outro. Ao contrário, antes de ser sancionada, passou por diversos estágios, resultando dos movimentos negros da década de 1970 e do esforço de simpatizantes da causa negra na década de 1980, quando diversos pesquisadores alertaram para a evasão e para o déficit de alunos negros nas escolas, em razão, entre outras causas, da ausência de conteúdos afrocêntricos que valorizassem a cultura negra de forma abrangente e positiva. (PEREIRA; SILVA, 2012, p.2)

Referente as perspectivas que a Lei 10.639/03 apresenta, é possível compreender que a capoeira, dentro do contexto escolar, atende o que está previsto considerando que, como visto, a história da capoeira está intrinsecamente ligada a história do Brasil de uma forma geral e, particularmente dos afro-brasileiros. A história da capoeira é repleta de elementos da história e da cultura do povo negro, nesse sentido, é possível afirmar que ao ser desenvolvida e praticada no contexto escolar, possibilita o conhecimento de narrativas não eurocêntricas sobre o negro e sua

cultura, ela – a capoeira - apresentará uma narrativa que busca enfatizar o negro enquanto um ser cultural e histórico com valores e princípios, enaltecendo sua autoestima e promovendo a reafirmação de sua identidade. Nessa mesma linha de raciocínio, Oliveira diz que,

as transmissões culturais proporcionadas pela capoeira, uma arte de origem afro-brasileira, podem amparar a criança negra a se ver incluída num contexto amplo, em que suas particularidades são bem-queridas e admiradas. Isso é importante não somente para que haja um aumento da autoestima das crianças afrodescendentes, mas para que todos, independentemente de sua etnia, possam melhorar através de uma visão de mundo pluralista, em que, as diferenças sejam aceitas. (OLIVEIRA, 2016, p.9)

Essa tomada de consciência, que é promovida pelo processo de revitalização e valorização das histórias e culturas do povo negro, pode, por sua vez, “(...) proporcionar o ostentado lugar de serem protagonistas da sua própria história, que vem abarcada de lutas pela libertação negra” (OLIVEIRA, 2016, p.9).

3.3 O PROJETO DA UNILAB NO CONTEXTO DA LEI 10.639/2003

De acordo com Gomes; Lima e Santos (2018), a criação da UNILAB, o aumento das instituições, acesso, gratuidade e permanência no ensino superior no Brasil, são resultados que refletem a luta do movimento negro brasileiro que reivindicavam e reivindicam, o direito de acesso e permanência à educação para os menos favorecidos/as, em sua maioria negros e negras. Essa luta antirracista não se limita apenas ao acesso e permanência dos oprimidos à educação, mas, também, há uma educação significativa que valorize a cultura afro-brasileira, sendo capaz de combater as discriminações e preconceitos contra a cultura negra e, conseqüentemente, contra os negros e negras.

Tanto a criação da lei 10.639/03 quanto a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB, são decorrentes desses questionamentos e lutas, pelo respeito e valorização da cultura negra. A UNILAB, com sanção presidencial no governo Lula, pela Lei nº 12.289 de 20 de julho de 2010, tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais estados membros da Comunidade dos Países

de Língua Portuguesa – CPLP, especialmente, os países africanos e Timor-Leste, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. (GOMES; LIMA; SANTOS, 2018, p.95). A UNILAB atua na lógica de cooperação solidária com os países da língua portuguesa, especialmente os países africanos, preocupando-se em atender aos seus anseios no âmbito de desenvolvimento sustentável dispondo cursos nas áreas de Agricultura, Energia e Tecnologias de Desenvolvimento Sustentável, Formação Docente, Gestão Pública e Saúde Coletiva.

Após diálogos com representantes dos governos, universidades, instituições e organismos internacionais, cinco áreas foram priorizadas para o início das atividades da UNILAB: Desenvolvimento Rural, Saúde Coletiva, Educação Básica, Gestão Pública, Tecnologias e Desenvolvimento Sustentável, presentes nas diretrizes elaboradas pela comissão de implantação. Posteriormente, foi incluída a área de Humanidades e Letras. (GOMES; LIMA; SANTOS, 2018, p.98)

Desse modo, objetiva impulsionar avanços na produção e divulgação de conhecimentos para atender as demandas de formação e de pesquisa nos países de expressão em língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária. Ao mesmo tempo,

busca tornar-se, “[...]” um novo centro de referência e integração destes países por meio da ciência e da cultura, constituindo-se espaço de cooperação, acúmulo e transferência recíproca de ciência e tecnologia, de intercâmbio de culturas e de promoção do desenvolvimento sustentável. (UNILAB-DIRETRIZES GERAIS, 2010, p.10)

A criação da instituição coincide com um cenário político de promoção de ensino superior no país, atendendo, assim, as metas de REUNI (programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), o qual tem como propósito, recuperação do sentido público e compromisso social da educação superior.

O movimento de criação da UNILAB se insere dentro do ciclo expansionista do ensino superior público brasileiro, coincidindo com um cenário propício ao aumento de instituições e de vagas no ensino superior federal. Tal situação corresponde ao período ocorrido depois da estabilização econômica do país, quando iniciativas diversas de inclusão social e políticas afirmativas foram estimuladas, propiciando uma melhoria da distribuição de renda, o que tem sido associado à emergência de uma nova classe média. Neste contexto, tem se destacado não apenas o crescimento do consumo de bens econômicos, como também de bens culturais. A ampliação do acesso à educação superior

é parte deste movimento, onde a aspiração pela universidade passa a integrar o imaginário de famílias antes pertencentes aos setores mais pobres da população. (GOMES; LIMA; SANTOS, 2018, p.96)

De acordo com o documento, a sua proposta da integração internacional atende a política do governo de incentivar a criação de instituições federais capazes de promover a cooperação sul-sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental, configurando-se num modelo de cooperação solidária. Desse modo, a UNILAB atende não somente as perspectivas do então governo brasileiro com relação a expansão do ensino superior no país e a cooperação sul-sul com a África, como, também, representa uma conquista do movimento negro que sempre exigiu do Brasil, maior compromisso com o continente africano e com os afro-brasileiros quanto à superação do racismo e discriminações culturais.

A UNILAB representa, então, para os negros/as brasileiros/as e os demais participantes internacionais que compõem a sua comunidade acadêmica, um recomeço, uma vitória, uma possibilidade de mudança e reconstrução dos pensamentos e atitudes, inclusive, e, principalmente, das próprias vítimas dos processos históricos, políticos e sociais. O seu contexto de cooperação sul-sul, viabiliza o caminho para a superação dessas desigualdades e restauração das aprendizagens ofuscadas no passado colonial tanto do Brasil como dos países parceiros, possibilitando, assim, a construção de um futuro autônomo. Essa reconstrução do passado histórico promove, por sua vez, a reconstrução da história, da identidade e o combate ao preconceito e a discriminação, que são frutos da assombrosa colonização. (UNILAB-DIRETRIZES GERAIS, 2010)

Esse ideal político ideológico da UNILAB, por tentar reaproximar o Brasil e a África, por meio de uma ponte histórica e cultural onde, juntos, procuram buscar e compartilhar soluções para seus processos históricos similares, se configura não só numa transcendência de todos os paradigmas opressores que os têm negado, mas, também, como possibilidade de emancipação, crescimento e combate às desigualdades sociais. É necessário ressaltar que a UNILAB vai muito além de simplesmente ter, em seu currículo, conteúdos referentes a história e a cultura africana e afro-brasileira. Ela, com o seu processo de implementação, abre espaço para que os próprios africanos e afro-brasileiros (tanto docentes quanto discentes), de diferentes regiões e culturas, adentrem e possam fazer parte dessa luta,

compartilhando suas experiências e histórias, contribuindo para a efetivação da Lei, em seus cotidianos.

Desse modo, a UNILAB tem possibilitado um contato mais direto com a/s África/s, por meio da integração entre os africanos/as e os/as brasileiros/as de diferentes regiões do país. Essa integração proporciona, por sua vez, o conhecimento sobre a diversidade cultural e o modo de vida dos/as africanos/as, o que leva, em muitos casos, a uma redescoberta da África, diferente daquilo que a historiografia colonial, pretensiosamente, dissemina. Para tal, procura; promover, por meio de ensino, pesquisa e extensão de alto nível e em diálogo com uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e crítica, a formação técnica, científica e cultural de cidadãos aptos a contribuir para a integração entre Brasil e membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e outros países africanos visando ao desenvolvimento econômico e social. (UNILAB-DIRETRIZES GERAIS, 2010, p.13) É de grande importância, tanto para os brasileiros/as como para os africanos/as, conhecer e valorizar o legado da cultura africana. Pois, tal experiência tem impactado positivamente a visão sobre a África e o Brasil, os africanos e os afro-brasileiros e suas respectivas culturas. O legado que os africanos, com seus conhecimentos as suas culturas, trouxeram para o Brasil, necessita ser reconhecido como formas de reformular a história, reconstruir e, fortalecer a identidade dos brasileiros em geral e, dos afro-brasileiros, em particular. “(...)” acreditamos que a inclusão desse tema nos conteúdos escolares reconstrói nos alunos e nos professores uma imagem positiva daquele continente, além de, por um lado, elevar a autoestima dos alunos afrodescendentes e, por outro lado, tornar os demais alunos menos refratários à diversidade étnicoracial. (PEREIRA; SILVA, 2012, p.1)

Por outro lado, a perspectiva política da UNILAB em fazer esse diálogo cultural com a/s África/s, representa a democratização do ensino, transcendendo o modelo tradicional e hegemônico, onde só se valoriza os conhecimentos tidos como universais. A democratização do ensino tem sua importância e reflete, positivamente, na qualidade de aprendizagem dos alunos e na sua satisfação. Desse modo a UNILAB, assim como a Lei 10.639/03, propõem lutar pela causa das minorias, dos/as oprimidos/as, indo além das causas dos negros e das negras, pela valorização de sua cultura e democratização do ensino, como também, a democratização do espaço e a luta pela superação da discriminação e preconceito dos outros oprimidos, a exemplo, de mulheres e o grupo LGBTQ+, ou seja, pela sua libertação e emancipação. A

UNILAB tem, em sua estrutura curricular, instrumentos de combate à todas as formas de opressão e discriminação, por meio de discussões sobre gênero, raça, relação de poder, sexualidade, incita reflexões e promove o respeito, visando a superação das desigualdades, em prol das diferenças.

Com isso, é possível afirmar que a UNILAB é a materialização da Lei, buscando intervir na estrutura social e política, quebrando paradigmas hegemônicos que estabeleceram, por muito tempo e, ainda persistem, em orientar as práticas sociais. De quebra, a instituição tem questionado o saber universal e as teorias da superioridade racial, de gênero e/ou quaisquer outras ideologias, que, historicamente, tem sido “esmagadoras” de minorias, ou seja, para além de desafios, a universidade tem representado um *lócus* que busca combater a estrutura dominante, repressora, que infelizmente ainda tem sido alimentada pelas instituições de ensino que, cegamente ou politicamente, optam por se orientar em bases ideológicas essencializadas em conservadorismo, racismos e outros “ismos” das repressões que influenciam, por sua vez, na (des) organização social.

3.4 O CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E O PROJETO DE EXTENSÃO “PRÁTICA DE CAPOEIRA E SEUS VALORES CULTURAIS NO RECÔNCAVO BAIANO”: EXPERIÊNCIAS DO CAMPUS DOS MALÊS

No escopo desta pesquisa, em função de seus objetivos, serão apresentadas informações gerais sobre o curso de Licencia em Pedagogia e, por ser foco de estudo, o projeto de extensão “Prática da Capoeira e seus valores Culturais no Recôncavo Baiano”. Evidentemente que essas não são as únicas ações desenvolvidas como estratégias, ou cursos, que respaldam o projeto da UNILAB. Em sua estrutura curricular a instituição tem diversos cursos e projetos de extensão e de ensino, como forma de implementar a sua missão. O Curso de Licenciatura em Pedagogia compõe o quadro dos seguintes cursos da instituição, a saber: Bacharelado interdisciplinar em Humanidades (BIH), Bacharelado em Relações Internacionais (RI), licenciatura em História, licenciatura em Ciências Sociais (CISO) e o curso de licenciatura em Letras.

O referido curso de Pedagogia da UNILAB/Malês, de acordo com o documento que o constitui, PPC, “(...) propõe a difusão e produção de conhecimentos educacionais em torno da missão da UNILAB, que responda às demandas brasileiras,

bem como dos países parceiros ao projeto de integração da instituição”, e tem como incumbência “formar profissionais pautados pelo compromisso de respeitar, valorizar e disseminar os valores e princípios de raiz africana e afro-brasileira” (PPC, 2019, pp. 11, 13).

Tem sua base política fundada no próprio projeto da instituição, em consideração às legislações brasileiras educacionais de carácter obrigatório e, ainda, é ancorado em um conjunto de Leis que cifram sobre os propósitos da Educação e das metas atinentes à formação descolonizadora e não racista de professores/as, Lei nº 9394/96, 10.639/03, 11.645/08, CNE/CP nº 9/2001, etc. (PPC, 2019). Por meio do curso se almeja a construção de uma sociedade não racista e plural, agregando às suas funções, o conjunto das missões políticas e educacionais da UNILAB-Malês. O mesmo tem como base e meta, as seguintes Diretrizes Gerais da universidade:

Desenvolvimento da ciência e da tecnologia, com carácter humano e social; Reconhecimento das diferenças como meio de cooperar e integrar; Reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural, de gênero, dentre outras; Inclusão social com qualidade acadêmica; Interdisciplinaridade; Articulação entre teoria e prática; Articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Ainda, assume a missão de promover o ensino, a pesquisa e a extensão comunitária visando à formação de profissionais (pedagogos e pedagogas), com habilidades suficientes à apropriação de seu objeto de estudo que é, o fenômeno educativo tanto no Brasil quanto nos países parceiros, reforçando desse modo, a missão humanitária, entre o Brasil e os países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), sobretudo, os países africanos. Preocupa-se, assim, em reverter o processo hegemônico que arruína os sistemas de ensino tanto do Brasil como dos países parceiros. Desse modo, em concordância com as diretrizes institucionais, o curso foi projetado com intuito de auxiliar na instauração de um novo equilíbrio político-epistemológico. Sob esse aspecto que seu principal objetivo,

é formar para o exercício da pedagogia, no sentido da produção e disseminação de conhecimento, na perspectiva de uma epistemologia da África e de suas diásporas, antirracismo e anticolonial, promotora da efetiva valorização dos saberes científicos e ancestrais, com ênfase nos países que compõem a Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. (PPC, 2019, p.32)

Para atingir seu objetivo macro, debruça-se sobre, entre outros, os seguintes objetivos específicos.

- ✓ Propiciar o estudo da Pedagogia como a ciência da educação em geral, respeitando o foco dado pelo presente projeto pedagógico, com esteio nas Diretrizes Curriculares da UNILAB, ao optar pela centralidade da África e suas Diásporas;
- ✓ Desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo como foco a centralidade da África e de suas Diásporas, priorizando os países da Integração – UNILAB;
- ✓ Priorizar a problemática educacional da África e de suas Diásporas nas componentes curriculares, sobretudo dos países da integração – UNILAB, Formar para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos;
- ✓ Capacitar para a gestão de processos escolares e não escolares;
- ✓ Promover em todo o currículo a educação das relações étnico-raciais em consonância com a lei 10.639/2003.
- ✓ Incluir na formação conhecimentos referentes à Educação Ambiental nos países da Integração, Religiosidade de Matriz Africana no Brasil, Religiosidades Tradicionais nos países Africanos da Integração, Sexualidade, Gênero e Educação, Fundamentos Filosóficos e Práticos da Capoeira, Fundamentos Filosóficos e Práticos do Samba, Educação Indígena, Educação Quilombola, Tradição Oral Africana, entre outras, as quais poderão ser aprofundadas na pós-graduação. (PPC, 2019, p.33)

A construção do seu projeto teve como base teórica e metodológica, a África e a diáspora, e se formou a partir da conjectura de que o ensino, a Extensão e a Pesquisa são atividades interativamente necessárias no cotidiano dos docentes e discentes, valorizando a relação dialética entre os recursos teóricos internos do Curso de Pedagogia, Ensino, Extensão e Pesquisa, com os recursos materiais, humanos e imateriais da África e da Diáspora.

Acrescentemos, então, no caso do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UNILAB, que o método, o caminho, é, a rigor, uma encruzilhada da África e da Diáspora. Encruzilhada entendida como espaço e conceito no qual coexistem, num embate por hegemonia, as inúmeras vozes, identidades, sujeitos e autorias oriundas dos vários países de língua oficial portuguesa, da África, das diásporas negro-africanas e dos brasileiros de diversos estados e localidades. Numa síntese, podemos dizer que a encruzilhada, espaço e conceito, é “artefato social” e lugar, considerando esta dimensão, para o entendimento, entre outras, da realidade social, étnico-racial e histórica da África, da Diáspora, do mundo e das sociedades. (PPC, 2019, p.34)

O projeto de extensão “Prática de Capoeira e seus valores Culturais no Recôncavo baiano”, foco deste trabalho, se orienta, basicamente nos mesmos princípios que guia o curso de Pedagogia, ou seja, de enfrentamento e desconstrução dos paradigmas repressores, sobretudo aqueles vinculados à uma perspectiva

eurocêntrica e, realçando, como meta, a valorização das culturas africanas e afro-brasileira, a valorização da diversidade, etc. O projeto teve início em abril de 2015 e, inicialmente, carregava o nome de “Prática Filosófica da Capoeira”. O mesmo foi criado e coordenado, de 2015 a 2018, pelo professor Dr. Carlindo Fausto Antônio, professor do curso de Pedagogia da instituição, no Campus dos Malês e, executado pelo mestre Sidney de Jesus, mestre de capoeira de um grupo do município de Santo Amaro. O projeto foi aprovado via edital divulgado pelo programa de extensão Arte e Cultura-PIBEAC da UNILAB. O projeto tem como proposta,

garantir, no interior da UNILAB e numa relação com os projetos da universidade e notadamente com o curso de Pedagogia, uma relação efetiva do processo educativo não formal, sistematizado pelos capoeiristas, com o processo educativo formal. A relação é fundamental para assegurar a aplicação da Lei 10.639/2003 e, sobretudo, para viabilizar, no cotidiano da UNILAB, um ponto (lugar) de contato com o dinâmico, complexo e milenar sistema cultural negro-africano.

Também, visa, entre outros objetivos, promover diálogos entre universidades, movimentos sociais e instituições de direitos humanos e, também, divulgar o projeto da UNILAB na comunidade externa e nas redes nacionais e internacionais de grupos de capoeira bem como o estabelecimento de diálogo com outras universidades, nacionais e internacionais. O trabalho desenvolvido por meio do projeto não se limita apenas ao espaço da UNILAB. Com frequência seus membros/as, são convidados para participar de atividades realizadas em municípios próximos, em festas tradicionais, juntamente, com outras manifestações culturais.

O grupo é convidado para fazer apresentações de capoeira ou realizar palestras em escolas da educação básica e, universidades. Também, como parte da formação dos/as integrantes do grupo e forma de ampliação de conhecimento, valorização e respeito às outras manifestações culturais de matrizes africanas, são realizadas visitas a diversos espaços onde se praticam as mesmas, como, por exemplo, quilombos e terreiros de candomblé.

4 CAPÍTULO III: METODOLOGIA

4.1 ABORDAGEM DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS

A pesquisa desenvolvida considerou o que orienta a pesquisa qualitativa, que, de acordo com André (1995), teve origem no final do século XIX. Denomina-se pesquisa qualitativa aquela que não envolve manipulação de variáveis nem tratamento experimental, estudando o fenômeno em seu acontecer natural. Na abordagem qualitativa, existem várias modalidades de pesquisa. Tal abordagem, segundo Gerhardt e Silveira, “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32). As características da pesquisa qualitativa, segundo os autores são:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Em relação aos procedimentos para a geração de dados, foram utilizadas uma combinação de grupo focal, concomitante ao uso de sistematização bibliográfica e entrevista. Considerou-se que o grupo focal é uma oportunidade de trocas de ideias e aprofundamento do tema, tratando-se de técnica de pesquisa valiosa, na medida em que auxilia a contextualizar e produzir uma organicidade e busca aprofundar teórica e metodologicamente a maneira de interpretar as diferentes realidades. De acordo com Morgan, grupo focal é “(...) uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador”. (MORGAN, 1997, apud, GONDIM, 2002, p.151). Ainda, seguindo, o mesmo pode ser visto como um mecanismo usado para compreender o processo de formação das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.

A depender do tema investigado e sua finalidade, essa técnica pode ser aplicada com um grupo específico ou intergrupos. Ainda, a depender do papel do entrevistador/pesquisador e da abordagem, dentro desse método, o entrevistador

pode ser mais diretivo, no qual o pesquisador faz perguntas direcionadas por indivíduos em particular, ou moderador, o qual “(...)” assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema”. (GONDIM, 2002, p. 151)

Cabe ressaltar que a motivação para o uso da técnica de grupo focal como método de geração de dados se deve, de certa forma, como explanou o autor, a pressupostos e premissas acerca de próprio perfil da pesquisa, já que, o mesmo, além de possibilitar a geração de informações, promove autorreflexão e transformação social.

4.2 O MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE E A COMUNIDADE EM QUE RESIDIAM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A cidade de São Francisco do Conde é a terceira cidade do Recôncavo Baiano e possui, aproximadamente, 39.000 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o ano de 2019. Está limitada pelos municípios de Candeias, Madre de Deus, Santo Amaro e São Sebastião do Passé; é banhado pelos rios: Sergipe do Conde, Jacuípe e Joanes.

As modificações provocadas pela transição da economia açucareira para a do petróleo interferiram no perfil socioeconômico da região, atingindo a lavoura de subsistência e o que restou da agroindústria açucareira. A região do Recôncavo até 1960 configurou-se como única província petrolífera do Brasil, onde foram descobertos os campos de Lobato/Joanes em 1939; Candeias em 1941; Aratu e Itaparica em 1942; Dom João/São Francisco do Conde em 1947; Pedras em 1950; Paramirim e Água Grande em 1951; Mata de São João/Pojuca/Central em 1953 e os campos marítimos da Baía de Todos os Santos. (DIAS, 2015, p.51)

A chegada da Refinaria Landolfo Alves, em 1950, para a exploração do petróleo na região provocou alterações significativas nas relações de trabalho e no poder aquisitivo das pessoas, apesar da absorção de um pequeno contingente de trabalhadores para as funções menos qualificadas, pois suas atividades, agora reguladas através de contrato, possibilitou o desaparecimento, ainda que lento, da estrutura patriarcal tradicional. (DIAS, 2015)

A riqueza do município não significou, para a maior parte da população, uma melhoria das condições de vida. Atualmente, possui um elevado índice de desemprego, em função da inexistência de ações socioeconômicas que promovam o desenvolvimento sustentável na região. A não capacitação da mão-de-obra local, desde o período da implantação da Petrobrás e seus derivados, impediu o seu aproveitamento, embora, na atual gestão do município, haja indícios de preocupação em formar profissionais aptos a serem inseridos no referido mercado de trabalho. (DIAS, 2015, p.53)

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), em 2018, a população da cidade era estimada em, aproximadamente, 39,338 habitantes, sendo que é a cidade que possui a maior população negra declarada do Brasil, cerca de 90%, e, embora esteja entre os sete municípios baianos com maior índice de produto interno bruto per capita (R\$ 296.459,35, 2018), apresenta índices significativos de desigualdades sociais e educacionais.

A criação do campus da UNILAB em São Francisco do conde, em 2013, se deve aos esforços e apoio da então prefeita da cidade, Rilsa Valentim, falecida em 2014. São Francisco do Conde, como toda a região do recôncavo baiano, é uma localidade com uma grande diversidade cultural e étnica e com rastros da colonização muito forte que, ainda afetam dolorosamente seus habitantes, sobretudo, os/as negros/as. A região do recôncavo apresenta uma vulnerabilidade social significativa e, grande parte da população da zona rural vive de agricultura, pastagem e extrativismo (lenha, castanha-de-cacau, carvão vegetal, licuri e piaçava). E, as pessoas que habitam em locais considerados urbanos, vivem do trabalho em setores de serviço e do poder público municipal. Dependendo exclusivamente da natureza, ou da boa vontade política, contendo taxa de analfabetismo elevada, sendo que alguns dos municípios têm índices acima da média do Estado. (PPC, 2018)

4.3 GERAÇÃO DE DADOS

4.3.1 Sujeitos da pesquisa

Foram convidados e convidadas para participarem da pesquisa, 7 (sete) integrantes do grupo “Prática de capoeira e seus valores culturais no Recôncavo Baiano”. Dentre esses, 4 (quatro) são estudantes da UNILAB, estudantes africanos e brasileiros/as e 3 (três), da comunidade local. O número de participantes seguiu aquele proposto pela literatura sobre o tema, ou seja, uma variação entre seis a 15

peessoas, com isso, foi garantida a discussão relativa ao tema, dentro de um tempo adequado de 2 (duas) horas.

Sobre o perfil dos participantes do grupo focal, embora a literatura sugerida indique que as pessoas envolvidas que não tenham muito contato, isso, nem sempre é possível, como é o caso, por exemplo, da utilização de grupos focais para geração de dados, em pequenas comunidades. Com a finalidade de preservar a identidade dos/as participantes da pesquisa, os mesmos foram identificados/as com nomes relacionados aos instrumentos utilizados na Capoeira ou algo dentro do tema.

Quadro 1 - Perfil dos Participantes

Entrevistado (a)	Idade	Escolaridade	Tempo no grupo
Caxixe	28 anos	Ensino Superior	4 anos
Pandeiro	26 anos	Ensino Superior	4 anos
Atabaque	23 anos	Ensino Superior	2 anos
Biriba	26 anos	Ensino Superior	4 anos
Reco-Reco	22 anos	Ensino Médio incompleto	4 anos
Baqueta	22 anos	Ensino Médio incompleto	4 anos
Berra-Boy	18 anos	Ensino médio completo	4 anos

4.4 GRUPO FOCAL

4.4.1 Passos iniciais

Primeiramente, para compor o grupo focal foram selecionados, entre os integrantes do grupo de capoeira, aqueles e aquelas que tinham maior tempo de permanência no grupo e, dando prioridade, por questão de organização, aos participantes da cidade onde a Universidade se encontra instalada. Nesse caso, escolhemos trabalhar com os moradores da comunidade, sendo 3 (três) homens e 1 (uma) mulher, e, estudantes da UNILAB, 2 (duas) mulheres e 1 (um) homem.

Antes da composição do grupo, os mesmos foram convidados, individualmente. O objetivo da pesquisa e sua relevância, foram apresentados. Confirmadas as presenças, foi agendado o encontro, o local e o horário, 5 de dezembro 2019, às 10 horas.

4.4.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em um espaço da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB, no campus Malês, localizada na cidade de São Francisco do Conde, Bairro da Baixa Fria. O local era reservado e foi possível assegurar um clima confortável para a troca de experiências e impressões, algumas vezes, de caráter pessoal.

4.4.3 Consentimento

A utilização de um termo de consentimento, para trabalho com pessoas é uma maneira de viabilizar o trabalho, através da ciência expressa em documentação dos sujeitos participantes sobre a pesquisa. Além disso, o documento também existe como garantia ao próprio cientista, respeitando a dignidade (em sentido amplo) do sujeito de pesquisa, é, também, o grande instrumento de proteção do pesquisador, contra eventuais vicissitudes da pesquisa. Nesse sentido que, antes da realização do grupo focal, foi apreciado e autorizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por todos/as participantes, considerando que eram maiores de 18 anos.

4.4.4 Roteiro de perguntas

O roteiro de questões foi elaborado anteriormente ao encontro com o grupo, visando nortear a discussão. O mesmo, como é possível verificar abaixo, foi composto por 10 (dez) questões, sendo que as primeiras delas tinham um caráter mais geral e, gradativamente, foram sendo inseridos temas. Buscou-se, com as questões, uma articulação com o referencial teórico-metodológico adotado na pesquisa.

4.4.5 Realização do Grupo Focal

No dia do encontro, o moderador do grupo chegou adiantado, para organizar o espaço. Como planejado, todos/as participantes chegaram para o grupo, no horário. A conversa teve duração de cerca de 2 (duas) horas. Inicialmente, novamente, foi apresentado aos presentes o objetivo do grupo e as questões centrais sobre a discussão. Após breve apresentação dos participantes, o moderador mencionou sobre o funcionamento do grupo, a saber: 1) falar uma pessoa de cada vez; 2) dizer livremente o que pensa 3) a conversa seria gravada, visando à análise, posterior, do conteúdo.

4.5 ENTREVISTA COM O MESTRE

A entrevista nasceu da necessidade que o investigador teve de conhecer o sentido que os sujeitos dão aos seus atos e, o acesso a esse conhecimento profundo e complexo, que é proporcionado pelos discursos enunciados pelos sujeitos ao longo da mesma (AIRES, 2011). Como afirma o autor, a entrevista seria uma conversa, com uma finalidade específica, entre duas pessoas ou mais.

Para ele, “a entrevista implica sempre um processo de comunicação em que ambos atores (entrevistador e entrevistado) podem influenciar-se mutuamente, seja consciente ou inconscientemente. Para Ludke e André, citadas por Aires (2011), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “(...) é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. (OLIVEIRA, 2008, p. 12, apud LUDKE; ANDRÉ, 1936, p.34)

O objetivo da entrevista com o mestre foi perceber os diferentes aspectos de sua prática, suas visões e reflexões em relação à capoeira. Também, considerou-se importante, ao analisar as respostas dos integrantes do grupo, seus discípulos, tecer certas comparações sobre os pontos de vista dos próprios alunos em relação ao mestre e, seus ensinamentos e, da mesma forma, do mestre em relação aos seus discípulos.

Foi realizado o convite para o mestre, ao mesmo tempo em que foi para os demais integrantes do grupo. Também, o termo de consentimento, foi assinado por

ele. A realização da entrevista foi no espaço da própria universidade. Anteriormente, foi elaborado um roteiro com questões.

4.6 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS GERADOS

Para que fosse possível analisar os dados obtidos, eles foram codificados e organizados por temas, seguindo os seguintes passos:

- Transcrição das conversas realizadas com os integrantes do grupo focal.
- Transcrição das conversas realizadas com o mestre.
- Leitura atenta das transcrições feitas, seguida de releitura.

Associação de trechos e respondente, visando identificar semelhanças, contrastes e presença de aspectos semelhantes e/ou contraditórios, em categorias sintonizadas com o apregoado no referencial teórico e com a bibliografia pesquisada. Em alguns casos, a leitura do material permitiu a construção de categorias, *a posteriori*.

5 CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta análise considerou, como procedimento para a organização dos dados, como descrito anteriormente, a leitura atenta dos dados gerados, por meio da realização do grupo focal e das entrevistas. As categorias analisadas, são as que se seguem:

5.1 A CAPOEIRA... O INÍCIO E, AS PERCEPÇÕES

Primeiramente, considerou-se importante compreender como que os entrevistados/as percebiam a capoeira, quando iniciaram a sua prática. Entre os 7 (sete) integrantes do grupo, 5 (cinco) relacionavam, no início, sua prática a pura movimentação corporal, ou seja, a questão do condicionamento físico. Isso é possível identificar nas narrativas abaixo:

Eu via ela apenas como uma prática de movimento, uma forma de eu me exercitar, uma forma de eu manter o meu tempo ocupado. (BERRA-BOY, 17 anos)

Eu via a capoeira, também, como uma simples forma de movimentação do corpo, como qualquer outra atividade física. (ATABAQUE, 23 anos)

É importante ressaltar que a compreensão sobre a prática da Capoeira ser apenas uma questão vinculada ao esporte, não faz parte somente do imaginário dos entrevistados. Como foi apresentado no referencial teórico, essa forma de pensar está posta desde a década de 1980, momento em que a Educação Física passou a ser considerada um benefício importante para o corpo. Sob esse aspecto, é importante analisar, talvez, como o papel da Educação Física, desenvolvida nos espaços escolares, ganhou solidez na vida e no cotidiano das pessoas, vinculando todos ou qualquer tipo de movimento, a simplesmente, benefício físico e a um corpo saudável. Outro aspecto que chamou à atenção foi que para uma das entrevistadas, a Capoeira era apenas uma brincadeira, quando iniciou a sua prática: “*eu já tinha visto a capoeira e eu via ela como uma simples... uma simples brincadeira, uma simples é... um grupo que iam lá só pra divertir, pra passar tempo e tal*” (CAXIXE, 28 anos)

A compreensão da prática da Capoeira como uma brincadeira tem sido mais comum em contexto da Educação Infantil. Segundo (FREITAS, 2007), a Capoeira é história, filosofia de vida, sentimento de brasilidade, música, dança, jogo, ritmo, amor,

poesia, educação e, é a arte de brincar com nosso corpo no tempo e espaço, não só do ponto de vista da psicomotricidade, mas da contextualização da sua própria identidade histórica. Nesse sentido, apesar de não ter aparecido em outras falas, é interessante destacar que efetivamente, a capoeira também pode ser considerada uma brincadeira, o que nos parece um equívoco, então, a associação da brincadeira somente às crianças como se adultos não brincassem e/ou, não pudessem brincar com o próprio corpo, a brincadeira, nesse sentido, não tem a ver com a idade cronológica, mas sim, ao prazer que ela pode propiciar às crianças e/ou adultos.

É fundamental registrar que os integrantes, com o passar do tempo e com a prática da capoeira, foram mudando suas formas de compreendê-la e, de vivenciar a mesma. Assim, para eles, a capoeira passou a ensinar princípios e valores. 2 (dois), dos 7 (sete) participantes, disseram que a Capoeira contribuía com seu processo de socialização.

Eu aprendi que ela é muito mais do que apenas um exercício, apenas um treino. Capoeira tem todo um conceito. Eu percebi também que a capoeira ela é assim, ela me ajudou a me socializar mais com as pessoas. (BERRA-BOY, 18 anos)

Eu vejo também que é muito além só de praticar, é muito além, vai muito além do seu corpo. Ajuda você a ter disciplina, ajuda na socialização, ajuda você a ter o controle do seu corpo, de sua mente. (ATABAQUE, 23 anos)

Sousa e Oliveira (2008), também compartilham dessa compreensão sobre a prática da capoeira propiciar a socialização. Segundo eles, são influenciados, na prática de capoeira, a cooperação e a participação social, uma vez que seus praticantes percebem o valor e a importância de todos. Pois, a capoeira só terá um desenvolvimento satisfatório, na medida em que todos participarem.

A cooperação e a participação social são despertadas na medida em que os alunos forem tomando ciência de que, na roda, todos são importantes. Para uma roda de capoeira ter um desenvolvimento satisfatório, todos precisam participar; apenas dois jogam de cada vez, mas são necessários os tocadores, os cantadores e os que batem palma e respondem ao coro. Este conjunto sincronizado e atuante é que faz a roda ter um bom desenvolvimento. (SOUSA & OLIVEIRA, 2008, p.45)

É interessante perceber que a própria capoeira, entre os integrantes do grupo, se encarregou de mudar as concepções que eles tinham, de forma preconcebida, sobre ela. De compreendê-la apenas como uma prática de movimentação do corpo, passou a ser uma importante forma de possibilitar a interação com o outro e suas

diferenças, ou seja, os indivíduos em suas múltiplas dimensões. Nesse contexto, dos 7 (sete) entrevistados, 2 (dois) mencionaram o quanto a capoeira, também, contribuiu para o desenvolvimento de disciplina, meta e autoconhecimento.

[...]ah, tenho que aprender tal, tal, tal movimento, então pra você aprender aquilo você tem que praticar, treinar, se esforçar, se dedicar, botar uma meta pra poder chegar até as graduações né. (BIRIBA, 26 anos)
Ajuda você a ter disciplina, [...] ajuda você a ter o controle do seu corpo, de sua mente. (ATABAQUE, 23 anos)

Ambas as falas são fundamentais, já que, por exemplo, a disciplina, para muitos, não é algo a ser valorizado pelo fato de requerer de indivíduos, esforços, porém, ao ser associada à prática da capoeira, seu sentido ganha novos significados, pois, é necessário ter uma meta, um foco a ser seguido. Para que isso ocorra, o desenvolvimento do autoconhecimento torna-se imprescindível. Ao relacionar o desenvolvimento de tais disciplinas por meio da prática da capoeira em espaços escolares, Campos (2013), destaca que,

Para a busca de melhoria na disciplina, a capoeira trabalha diversos aspectos com os quais os alunos tornam mais motivados e ativos dentro da sala de aula, a roda de capoeira trabalha muito com concentração, com estímulos visuais e auditivos, com isso os alunos ficam mais atentos e comportados. (CAMPOS, 2013, p.26)

Hélio Campos (2001), também compartilha da mesma visão sobre a importância da capoeira enquanto um processo educativo de autoconhecimento. Pois, segundo ele, a capoeira favorece ao seu praticante, o conhecimento de si mesmo e uma análise crítica de suas potencialidades e limites. A questão da disciplina, também foi relacionada ao cuidado com o corpo:

Então, eu acho que a capoeira você acaba equilibrando tanto o seu físico como quanto a sua mente. E...., me fez sim ter mais cuidado né, em relação ao que eu vou comer, ao que eu vou beber. Tipo, cerveja, hoje em dia, eu já tirei porque, se você bebe muito e você tem uma roda de capoeira, você não vai conseguir ir lá e jogar da mesma forma. (BIRIBA, 26 anos)
A questão sobre a minha forma física, antes de eu praticar a capoeira eu fazia diversos exercícios e eu sentia a falta de folego, entendeu? Eu não me sentia muito bem. Mas, logo após quando eu conheci a capoeira, passando tempo treinando, fui me aperfeiçoando e, consegui resgatar aquele folego que eu precisava. Parei de beber e com isso fiquei muito legal. (RECORECO, 23 anos)

Sob a mesma linha de pensamento Campos (2013), citando Reis (2001), diz que a prática da capoeira possibilita ao praticante conhecer melhor o seu corpo no espaço, no tempo e em relação às pessoas. Ele acredita ainda que a capoeira “(...)” pode ser utilizada como um instrumento que possibilitará uma mudança de comportamento do indivíduo, fazendo com que ele perceba as consequências de suas próprias atitudes” (CAMPOS, 2013, p.30). Parece que é o que ocorreu com um dos integrantes do grupo entrevistado, Atabaque diz que “*dentro da capoeira a gente passa a enxergar o nosso corpo, não só apenas como corpo, mas sim como instrumento de luta e de resistência e prestar mais atenção mesmo, nos movimentos*”.

Para Oliveira, a capoeira é uma prática que trabalha a liberdade do corpo através de movimentos que são próprios do ritual da roda favorecendo a tonicidade, a mobilidade, a flexibilidade, assim como o reconhecimento do corpo e suas identidades individuais, cultural e coletiva. Ela acredita que é possível pensar a capoeira enquanto um meio de se chegar ao corpo signo, corpo símbolo, corpo-linguagem, que é rico meio e fonte de expressão em tempos de tão pouca expressão própria. “Uma forma de mostrar que esse corpo traz imagens, produz sons, demonstra sentimentos, cria comunicação própria com o mundo e com aqueles que estão em volta”. (OLIVEIRA, 2013, pp.86-87)

5.2 A PRÁTICA DA CAPOEIRA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS: O QUE MUDA, COM A PRÁTICA DA CAPOEIRA?

Aqui, buscou-se compreender de que forma a prática de capoeira favoreceu mudanças sobre a forma de ser e sobre o cuidado com consigo e com o outro. Em relação ao individualismo, 3 (três) dos 7 (sete) entrevistados, responderam que a prática de capoeira lhes proporcionara mudanças de posturas, na forma de ver e tratar os outros. *Então acho que isso foi uma das coisas que desenvolveu muito, que é essa questão de estar sempre um pensando no outro. Então eu acho que a capoeira também me ajudou nisso. De chegar no outro e perguntar mesmo que eu não tenha assim tanta intimidade com a pessoa, mas de perceber que a pessoa está triste, que a pessoa não tá no bom dia, então acho que me deixou com um olhar meio que pra essas coisas. (BIRIBA, 26 anos)*

Em questão a forma de caráter, eu antes da capoeira eu era uma pessoa que eu tinha muito conhecimento, mas eu não gostava de compartilhar meus conhecimentos com ninguém. E...., depois que eu entrei na capoeira com o mestre, o mestre foi falando diversas coisas e com isso eu fui aprendendo que devemos compartilhar tudo aquilo que a gente aprende porque a gente vai morrer e não levar nada, entendeu? E, é isso aí. (RECO-RECO, 23 anos)

A solidariedade e a forma de ver o “outro”, parecem ser valores e princípios que devem ser destacados nas falas. Sob esses aspectos, parece que a prática da capoeira, desperta a necessidade de cuidado com o outro, além do aprendizado sobre a importância do compartilhar, não apenas a aprendizagem, mas, uma possível tristeza ou situação que preocupa. Como afirmam Capiche e Martins (2018), “a capoeira através de suas regras e da sua hierarquia pode ser um importante pilar para a construção de valores éticos e morais como o respeito com si e com os outros, a inclusão, a cooperação, solidariedade etc. (CAPICHE, MARTINS, 2018, p.14)

Outras mudanças percebidas pelos praticantes entrevistados, foi em relação à consideração do espaço da capoeira ser tão acolhedor que, de certa forma, se tornava uma família. “*Eu acredito que todo grupo de capoeira eles se apresentam não só como grupo, mas sim como uma família também. E é isso, assim que eu vejo bastante aqui. Aqui na capoeira, assim que eu cheguei encontrei logo uma solidariedade*” (BERRA-BOY, 18 anos). Tentando entender os motivos que levam os capoeiristas a comparar as relações com seus companheiros na capoeira como uma relação de família, Geeverghese (2013), chega à seguinte conclusão: “ao relacionar a convivência na capoeira com a convivência familiar, [...] estão considerando o mestre e os demais capoeiristas como pessoas fundamentais no desenvolvimento das suas funções biológicas, psicológicas e sociais”. (GEEVERGHESE, 2013, p.92)

5.3 A CAPOEIRA PODE SER UMA FILOSOFIA DE VIDA?

A capoeira é compreendida, pelos entrevistados, enquanto uma filosofia de vida. Dentre os 7 (sete) entrevistados, 4 (quatro), unanimemente, responderam que sim, que entendiam a capoeira enquanto uma filosofia de vida, porém, eles trouxeram justificativas diferentes, o que é natural, pois como bem diz Campos (2009, p.93), “a capoeira tem uma representação simbólica muito arraigada ao estilo pessoal de cada sujeito”. Posto isso, 2 (dois) deles entendiam que a capoeira era uma filosofia de vida porque, para eles, era um espaço onde se dava o processo de formação de novos valores e princípios. Como é possível verificar na fala de BAQUETA (22 anos) “*E, a partir daí eu vi que é uma filosofia, muita coisa porque, os mais velhos respeitam os mais novos e os mais novos respeitam os mais velhos*”. Ou ainda,

[...] é uma filosofia de vida porque você pode estar adequando ela em todos os momentos de sua vida. Como eu falei mesmo você pode levar a capoeira no seu trabalho, no seu dia-a-dia, na forma de você lidar com as situações de sua vida. Se antes tiver algum desentendimento como o colega falou, e você querer revidar e agir até de má forma e tal mas, quando você entra na capoeira você aprende que você tem que respeitar as pessoas, você tem que respeitar os mais velhos, você tem que agir com responsabilidade, você tem que é... começar a pensar na forma como você vai agir com o outro, então a gente leva isso pra nossa vida toda. A gente aprende a ter responsabilidade e respeitar e respeitar e, em qualquer momento da nossa vida, e levar os ensinamentos da capoeira também pra qualquer momento, qualquer situação da vida. (ATABAQUE, 23 anos)

Essa compreensão da capoeira enquanto formadora de valores e princípios é muito destacada entre os estudiosos dessa prática. Passos, citado por Nogueira (2007), por exemplo, acredita que a capoeira possui valores e princípios importantes para a formação pessoal e social dos indivíduos. “A capoeira é, sobretudo, um modo de viver, filosofia baseada na liberdade, na alegria, no respeito, na cooperação, na camaradagem, no espírito comunitário, integrando o capoeirista na sociedade”. (PASSOS, 2003, apud NOGUEIRA, 2007, p.09). Outra justificativa da capoeira enquanto filosofia de vida é trazida por outro entrevistado que enxerga a capoeira como uma organização social. Para ele, a capoeira possui uma forma de organização, do seu espaço ritual, que é um pouco o reflexo de como era a organização social dos antepassados africanos, e isso é repassado através dessa prática.

[...] a gente não pode olhar a capoeira apenas como um esporte só, ou como uma luta. A gente tem que olhar ela também como uma organização social nossa, criada pelos escravizados que estavam aqui, pelos africanos que estavam aqui. E que dentro dessa organização... a gente olha a bateria como exemplo. A bateria ela não é formada atoa, né? Ela tem toda uma iniciação ali. Tem o lugar onde tem que ficar o médio, tem o lugar onde tem que ficar o gunga e tem o lugar onde tem que ficar a viola. E, é o mesmo caso do pandeiro e do tambor. Tem um lugar próprio pra eles ficarem, e tem uma pessoa própria que vai cantar, ninguém... um canta e os outros responde. Querendo ou não, isso é uma força nossa de oralidade, de iniciação. Quando a gente está, vai entrar na roda, a gente se senta no pé do berimbau, cumprimenta a outra pessoa, a roda enquanto circularidade. Então, tem todo uma questão ancestral de organização nossa e que a capoeira transmite isso de forma simples, mas que muitas pessoas não conseguem identificar. Só vim identificar isso quando entrei na universidade. (PANDEIRO, 26 anos)

Essa potencialidade da capoeira de refletir os valores de uma sociedade, sua organização e cosmovisão, que faz o entrevistado associá-lo, por isso, a uma filosofia de vida, fica mais compreensível quando Campos (2013) nos informa que a capoeira possui aspectos históricos, técnicos, sociológicos, antropológicos e biológicos, podendo ser um ótimo mecanismo de pensar e compreender a sociedade.

Por outro lado, é notável que o entrevistado a percebe como uma filosofia de vida não só por ela representar uma organização social dos ancestrais africanos, que pode ser apreendido e assimilado, mas também, por ser ela mesma, o mecanismo de resgate, preservação e transmissão desses legados que se faz possível, via oralidade. Pois a capoeira, (...) “procura estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e, o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política”. (ABIB, 2006, p.96)

5.4 O CONTATO COM A ANCESTRALIDADE

Aqui, nessa categoria, procurou-se saber se a capoeira possibilitava o contato com a ancestralidade, e, se sim, como isso ocorria. 3 (três), dos 7 (sete) entrevistados, tiveram a mesma opinião. Todos responderam que sim, que a capoeira propiciava o contato com a ancestralidade. Dentre eles, dois falaram que a capoeira, por meio de seu ritual, funcionava como intermediário entre o passado ancestral e o presente. Para um deles, isso ocorria da seguinte forma,

Sempre que eu ‘tô’ ali, naquela... na roda, tanto cantando, tocando, batendo palma, ou, então fazendo treino, até nessa roda de conversa, na pergunta que você fez antes dessa, até, senti um pouco de arrepio. A ancestralidade ela sempre está ao nosso lado. Porque, quando nós cantamos uma música, uma ladainha, é uma coisa inexplicável que, parece que, eles já se foram, mas está ali, entre nós. (RECO-RECO, 23 anos)
[...] no momento em que a gente samba por exemplo na roda, eu não sei sambar, mas eu gosto daquele momento, sabe? Que você se sente bem, mesmo não sabendo sambar, só o fato de você estar ali naquele calor, tipo, todo mundo ali batendo palma, cantando então, é uma sensação muito boa de estar se reconectando com os nossos antepassados. E, de uma certa forma, eles também estão sempre ali, junto com a gente, então, é um momento assim que... não consigo explicar, mas, você sente uma força maior presente. Então, é muito bom essa coisa que você sente que, de alguma forma, através das músicas, do toque do tambor, do pandeiro, que tem algo para além daquilo. Então, é uma sensação muito boa. (BIRIBA, 26 anos)

Assim como para os entrevistados, também para Flores (2017, p. 62), a “ancestralidade é um tema recorrente no contexto da capoeira, evocado, inclusive, por aqueles que nem mesmo conseguem explicá-la em palavras”. Mestre Camisa, citado pelo autor, diz que “é graças à ancestralidade que os grandes mestres continuam vivos no dia-a-dia da capoeira, são homenageados, cantados, e exaltados em todas as rodas de capoeira do mundo”. (Camisa, fonte oral, apud, FLORES, 2017, p.62). Como afirma Atabaque (23 anos), “essa marca de ancestralidade está muito forte

dentro das músicas, das cantigas, das ladainhas, da capoeira. Porque não tem uma música sequer que não fale de uma história, de uma situação, de um nome importante pra toda a luta e resistência, da... então está muito presente, muito forte essa questão da ancestralidade”.

Essa percepção da capoeira enquanto um instrumento de “resgate”, preservação e perpetuação da ancestralidade, é compartilhada por Abib (2006) quando, na mesma linha de pensamento, ele afirma que,

As músicas e ladainhas presentes no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuam os antepassados, seus feitos heroicos, seus exemplos de conduta, fatos históricos e lugares importantes para o imaginário dos capoeiras, o passado de dor e sofrimento dos tempos da escravidão, as estratégias e astúcias presentes nesse universo, assim como também as mensagens. (ABIB, 2006, pp.93/94)

Percebe-se, no entanto, que as músicas no ritual da capoeira desempenham um papel fundamental nesse processo de transmissão de saberes ancestrais e relatos dos acontecimentos históricos. “Em diversos cantos são tratadas as questões da escravidão e opressão, da pobreza e miséria do povo negro e de sua luta pela liberdade”. (RAMOS, 2009, p.7). Por outro lado, a preservação dos saberes ancestrais é, também, um dos seus princípios, uma das razões do surgimento da capoeira, enquanto luta e resistência. Pois ela foi pensada e surgiu dentro de um contexto no qual se viu necessária a preservação dos saberes ancestrais. “A capoeira, durante o período escravocrata, era não só uma forma de o negro manter suas raízes e identidade cultural, mas, também, uma forma de lutar e resistir ao sistema vigente naquela época”. (RAMOS, 2009, p.6)

5.5 VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Considerou-se interessante saber, a partir dos entrevistados se, e de que modo, as músicas e o próprio ritual da capoeira, contribuíam para o resgate e a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira. Nesse sentido, 3 (três), dos 7 (sete) entrevistados respondem que sim, e dizem perceber que o ritual da capoeira, e as músicas que dela fazem parte, funcionam como um instrumento de

resgate dos fatos históricos e de valorização das culturas africanas afro-brasileira.

É que as músicas remetem a períodos históricos, digamos assim, tem uma ladainha que foi criada pelo mestre Pastinha. Mestre Pastinha viveu no século XX. Então, a gente ao cantar aquela ladainha, do mestre Pastinha, de alguma forma a gente tem uma conexão com aquele período histórico. E que muitas vezes o que estava sendo cantado naquele período é ainda o que a gente está vivendo na situação de hoje. E que a ladainha é uma questão da oralidade. Então, ela remete a períodos históricos e, ainda, continua a perpetuar essa força da oralidade. (PANDEIRO, 26 anos)

Leite (2008), argumenta que a oralidade humana em suas relações com a democracia e o poder nas sociedades negro-africanas, seu exercício, nos Conselhos de família e de comunidade, traz, na verdade, “a palavra ancestral dentro dos princípios que definem a senioridade e a sabedoria, invocando a jurisprudência dos antepassados para solução de problemas”. Para Capiche e Martins (2018), não é diferente. Para esses autores, o ensino da capoeira se constitui em um eficaz instrumento de preservação e transmissão da história e da cultura afro-brasileira possibilitando, assim, seu conhecimento e aprendizagem. Na mesma linha de pensamento, Braga afirma que,

As agruras da escravidão, dos navios negreiros às senzalas, são rememoradas corporalmente em danças, nos nomes dos grupos, em cantigas como: “História da Escravidão”, “Navio Negreiro”, “Negro Escravo” e “Escrava Anastácia”, entre outros. São rememoradas as virtudes da Capoeira como luta, que possibilitou fugas, permitiu o enfrentamento e a existência dos quilombos. Não há um discurso de vitimização e, sim, de resistência. (BRAGA, 2017, p.82)

É importante ressaltar que para Muniz Sodré (1988), o ritual é um “espaço-tempo fundador (porque veicula uma força irredutível à identidade histórica dominante), aberto ao jogo de uma comunicação pluralista, voltada para as relações humanas no presente”. (p. 102).

5.6 NO CONTEXTO DA CAPOEIRA, TEM DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO?

De acordo com Juliana Santos (2010), o conceito de gênero foi socialmente criado com objetivo de tornar as diferenças biológicas natas (sexo), em desigualdade sociais, entre homens e mulheres. No entanto, ser homem e ser mulher, são conceitos socialmente construídos e, as desigualdades entre eles permeiam, também, com base

nessas construções. Da mesma forma, Bruschini e Ardaillon, citados pela autora, entendem o conceito de gênero enquanto um,

princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres. Usar “gênero” para todas as referências de ordem social ou cultural, e “sexo” para aquelas de ordem biológica. (BRUSCHINI, ARDAILLON, 1998, p.15, apud SANTOS, 2010, p.4)

Nesse sentido, compreende-se as desigualdades sociais entre homens e mulheres enquanto uma construção social, e, o grupo de capoeira como uma extensão social, já que, é, também, um espaço onde comumente há participação de homens e de mulheres, que se relacionam entre si. Foi com esse entendimento que procuramos então, saber, entre os participantes da pesquisa, de que forma que a capoeira influenciava em uma postura não preconceituosa em relação as desigualdades de gênero. Nesse processo, 4 (quatro), dos 7 (sete) entrevistados, responderam que a capoeira possibilitava mudança de comportamentos preconceituosos em relação ao gênero, apresentando, assim, seus pontos de vista. Para três deles, a capoeira funciona como um processo educativo de cuidado e respeito, às diferenças do gênero. É interessante notar que, por um lado, tudo indica que, no âmbito do grupo, a questão de gênero se resume ao respeito ao físico, ou melhor, ao corpo. *“O mestre sempre coloca assim, que todo mundo ali tem capacidade de fazer qualquer movimentação, de fazer qualquer, qualquer tipo de, de, de movimento ou qualquer coisa que seja. Então é isso. A gente tem que saber e tem que respeitar, porque dentro da roda a diversidade é muito grande”*. (ATABAQUE, 23 anos). Também, é possível identificar a compreensão, no mesmo sentido, na fala de BIRIBA,

Então eu acho que a capoeira ela traz essa questão do cuidado. Não de colocar mulher no lugar de... de inferiorizar, mas que o cuidado que os meninos... que os meninos aqui do grupo eles, se machucar, eles ficam, tipo, eles ficam todo ah não sei o quê, me desculpa... A gente sabe que não foi de propósito. Foi no jogo, mas você vê que eles preocupados, então eles jogam com a gente assim, com esse cuidado, com essa preocupação. Não..., como eu falei, não para inferiorizar, mas é essa questão mesmo do cuidar da colega. No caso, cuidar da mulher que faz parte do grupo. (BIRIBA, 26 anos)

Nesse sentido, o cuidado, aparece como um cuidado para não machucar. Parece que o gênero, nesse caso, tem a ver com a força física, que é uma questão biológica. Para Machado (2016) a capoeira pode ser um mecanismo educativo. Pois,

para ele, sua prática, por ser inclusiva, pode se constituir em um excelente instrumento educativo capaz de integrar a diversidade, e de ensinar valores como a liberdade, enquanto prática coletiva. Pois ela “não exclui ninguém do processo de ensino-aprendizagem; é a dança das cores, dos gêneros, das classes, da pluralidade”. (MACHADO, 2016, p.104). Sob esse mesmo aspecto, Bonfim (2010) parafraseando Carneiro (1997) diz que,

[...] a capoeira identifica e forma o cidadão através dos seus princípios, a roda um local democrático, nela destacam-se o cantor, o público em geral, os jogadores, não necessariamente precisam ser bons de capoeira para participar da roda, nem tão pouco se discrimina gênero, classe social, raça ou religiosidade, isso afirma neste espaço a igualdade entre as pessoas, basta ser capoeirista, sentir correr no sangue a expressão da arte afro-brasileira. (CARNEIRO, 1997, apud BONFIM, 2010, p.04)

No entanto, é necessário ampliar tal análise, por exemplo, Silva (2015,p.15) menciona que para Mendes e Nóbrega, o desafio se coloca quando se

[...] ultrapassa a concepção de movimento humano reduzida a um fenômeno meramente físico, tido estritamente como um deslocamento do corpo no espaço, presente na visão de educação que o autor questiona. Ao considerar o ser humano que realiza o movimento, essa proposta passa a reconhecer as significações culturais e a intencionalidade do movimento humano. Para tanto, o autor problematiza a concepção mecanicista de corpo e de movimento, na qual o corpo está separado do mundo, buscando fundamentos na concepção fenomenológica de corpo e de movimento, ou seja, na ideia de que o ser humano é inseparável do mundo em que vive. (MENDES e NÓBREGA, 2009, p. 1)

O reconhecimento de que o corpo, não é separado das relações sociais, é fundamental. A prática da capoeira, ou ser, capoeirista, supostamente, deveria estar intimamente vinculada a outros espaços sociais de atuação de cada sujeito. Como diz Rosangela Araújo, mestre Janja, em entrevista realizada pela Agência

Brasil, em 25/07/2018 “A roda da capoeira é de fato uma metáfora da roda das relações sociais, da roda do mundo, da grande roda, como a gente diz. E dentro da capoeira os desafios são os mesmos que nós vivenciamos na sociedade, com as especificidades que estão atreladas à prática”. A separação entre a prática de capoeira das relações sócias de gênero, presentes na sociedade, também, é parte da visão masculina, como é possível verificar na argumentação de BERRA-BOY,

É assim, a capoeira ela não distingue pessoas por gênero. Se você é mulher, se você é homem, não, ela trata, ela trata não, você..., todo mundo tem que

tratar na igualdade. Você é mulher sim, você é homem sim. Vocês são iguais. Não essa diferença, ah só porque ela é mulher ela não pode fazer isso, ah só porque ela é mulher ela não pode realizar esses movimentos, só porque ele é homem ele não pode realizar esse movimento. Não! todo mundo é igual na capoeira. (BERRA-BOY, 18 anos)

É possível compreender a defesa de Machado (2016) quando diz que a capoeira “não exclui ninguém do processo de ensino-aprendizagem; é a dança das cores, dos gêneros, das classes, da pluralidade”. (MACHADO, 2016, p.104). No entanto, tal visão não parece ser suficiente, quando as relações extrapolam o ambiente do grupo. Percebe-se, nos depoimentos dos entrevistados, que, de fato, a capoeira pode contribuir para uma relação de respeito através dos princípios do mestre e da própria capoeira, que são estabelecidos no grupo. Nota-se que eles têm uma boa compreensão e maturidade sobre a questão de gênero. Foi possível perceber, também nas respostas, que a capoeira pode ter uma característica inclusiva e igualitária, possibilitando que os homens observem as ações das mulheres, nas realizações dos movimentos durante o treino e na roda do jogo com a mesma capacidade com que eles podem executar. Isso, de certa forma, acaba contribuindo para o processo de desconstrução da ideia de que a mulher é menos capaz do que o homem e reflete, de forma positiva, no modo de enxergar e tratar as mulheres tanto na capoeira como em qualquer outra dimensão social.

Entretanto, parece intrigante essa questão do “cuidado” que alguns deles trazem nas suas falas. *“O mestre traz toda essa questão dela é mulher... então, vai fazer um movimento, tem que ter um certo cuidado né, de estar jogando, quando está jogando com uma mulher, de quando está jogando com homem.” (BIRIBA, idade)*. É compreensível que, como Biriba coloca: *“em outros grupos não, já teve situações que, de fato o homem partiu... caiu em cima da menina que estava jogando porque ela era uma mulher[...]”*. Esse tipo de relação entre homens e mulheres, na capoeira, pode ser compreendido como reflexo da própria construção social da masculinidade, a qual os legitima sexualmente superiores, estabelecendo, assim, hierarquias e espaços de domínios. Dentro dessa compreensão social, em que os homens são moldados, há um tipo de pensamento de que alguns espaços, atividades, trabalhos etc. são exclusivamente masculinos.

Historicamente, atividades físicas como lutas e esportes coletivos são áreas de reserva masculina; oferecendo barreiras culturais para a inserção das mulheres, que tendem a ser estimuladas a desenvolverem atividades

culturalmente associadas ao desenvolvimento da feminilidade hegemônica, como atividades rítmicas ou que não demandem contato físico e combatividade, características instrumentais associadas à identidade de gênero masculina (DEVIDE, 2005 apud SOUSA, 2010, p.5)

Desse modo, já que, a capoeira é entendida como um espaço masculino, as mulheres que delas participam são tachadas e tratadas como “machas”, e muitas vezes, são exigidas delas essas masculinidades para serem aceitas e reconhecidas nesse espaço “As que praticavam atividades consideradas como própria dos homens eram rotuladas e estigmatizadas como “masculinas” sendo frequentemente vítimas de preconceitos por parte de homens e de mulheres (DEVIDE, 2005, apud SPUSA, 2010, p.5)

É possível que esse estigma de “masculina”, ou então essa tentativa de provar a fragilidade feminina seja o motivo das violências que podem ser interpretadas em jogos duros nos quais, muitas vezes, as mulheres são submetidas. Infelizmente, ainda existe violência no mundo da capoeira. Violência que parte das pessoas que não entenderam ainda o sentido dessa prática, ou que não incorporaram seus valores e princípios. Talvez, seja por isso essa preocupação em relação ao tratamento com as mulheres na roda, mencionada nas falas anteriores. Mas, por que é a mulher, exclusivamente a mulher, que precisa de cuidado, de proteção? Isso estaria também ligado às construções sociais do ser mulher e do ser homem? Será que a mulher por si só não tem capacidade de sair de uma situação embaraçosa?

Apesar de estar evidente, de ter sido explicado a intenção do grupo, podem surgir esses questionamentos. Por outro lado, a própria capoeira continua sendo vista pela sociedade como uma prática masculina. Podemos perceber isso na fala de uma das entrevistadas.

Bom antes, na verdade quando eu cheguei aqui na Unilab né, eu sempre tive vontade de fazer a capoeira. Porque no meu país, perto da minha casa tem uma escola. Aí eu acho que quando eu tinha uns treze acho que foi um professor para dar aula lá, mas só que ia mais meninos. Ai meu pai não me deixou ir (risos) e falava assim, “ah, é coisa de homem” você é menina. Ia minha turma, mas ele não me deixou ir. (BIRIBA, 26 anos)

Resultante desse tipo de pensamento, “os corpos femininos foram excluídos da prática da capoeira nos capítulos da história, deixando a cabo de um patriarcado/machista, como todas as lutas/artes marciais”. (FERREIRA, 2016, p.36).

Receio que esse pensamento social, histórico, controlador e estigmatizante do corpo feminino, esteja, ainda, influenciando o tratamento das mulheres na capoeira.

Desse modo, ainda que tenha sido aberto o espaço da capoeira para as mulheres, ainda que exista números consideráveis de mulheres com títulos de mestras, parece que mesmo assim, não se conseguiu mudar esse pensamento histórico, político e hierarquizador que tenta fragilizar e estigmatizar o corpo feminino na capoeira, como também em outras dimensões sociais. Entretanto, não é impossível de ser erradicada e superada essa compreensão social que alimenta essa relação de gênero na capoeira, assim como em outros espaços sociais. Nesse sentido, “colocar os corpos num mesmo nível hierárquico, é entender que ambos têm a mesma capacidade, que estes como um fato social, pertencem e desempenham as mesmas funções, numa miscelânea de equidades e equiparações”. (FERREIRA, 2016, p.36)

5.7 O MESTRE E SEUS DISCÍPULOS: A CAPOEIRA COMO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER

Outro ponto interessante analisado, foi o papel que o mestre desempenhava no processo de ensino-aprendizagem. Nessa mesma perspectiva, Abib (2006) vê, no universo da cultura popular, o mestre enquanto uma figura fundamental responsável pelos processos que envolvem a memória coletiva. “Os mestres exercem um papel central na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social no âmbito da cultura popular, caracterizando, assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão”. (ABIB, 2006, p. 91). Ele, ainda diz mais,

O mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo e assume, por essa razão, a função do poeta que, através do seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora, que irrompe para dignificar o presente e conduzir a ação construtiva do futuro. (ABIB, 2006, p.92)

Pode-se, ainda, entender a própria capoeira, como uma “ancestralidade”, como de fato o é, um fruto, uma herança ancestral, carregada de “presença” e energia dos nossos antecessores, que, talvez por isso mesmo, como relataram os entrevistados, “(...)” é um momento assim que... não consigo explicar, mas, você sente uma força maior presente” (CAXIXE, 28 anos). Pois ela é uma construção dos nossos antepassados, que nos foi deixado. É possível perceber isso no trabalho de Flores,

“*Mestres de Capoeira: memória e salvaguarda no século XXI*”, em que, parafraseando mestre Camisa, ele diz o seguinte, “(...)” é graças à ancestralidade que os grandes mestres continuam vivos no dia-a-dia da capoeira, são homenageados, cantados, e exaltados em todas as rodas de capoeira do mundo. (Camisa, informação verbal, apud FLORES, 2017, p.62,)

Foi a partir dessa base que buscou-se conhecer e compreender quais eram os princípios e os valores que constituíam a prática do mestre e como os mesmos apareciam e eram interpretados. Assim, diz o mestre do grupo: “Eu vou utilizar sempre a experiência da verdade. Nunca inventar histórias, inventar coisas surrealistas. Sempre trabalhar com a verdade. E, sempre se pautar também com essa comunicação entre ancestralidade e o contemporâneo. Ainda, continua ele,

[...] A gente tem vários exemplos lá dentro do grupo, onde os indivíduos eram indisciplinados e tinham envolvimento com coisas erradas e, ele, aos poucos, a gente batendo nessa tecla o tempo todo, foi modificando o comportamento, né. Da gente chegar até ao ponto de dizer que ele não poderia mais ficar no espaço, que teria que ir embora, e ele demonstrar interesse e modificar e, eu, pedir pra ficar. Então, ele era uma pessoa, um indivíduo arreado que não aceitava a rédea, e de repente, ele começou a perceber que aquele controle que estava sendo oferecido a ele, ali, era um controle no sentido de beneficiar ele pra vida futura. (Mestre, 57 anos)

Essa visão do mestre em relação à capoeira, como um processo educativo, é compartilhada e sustentada por Capiche e Martins (2018). Parafraseando Sousa (2012), eles afirmam que a capoeira traz diversas contribuições para a formação do aluno. Pois a “capoeira consegue construir junto a seu aluno conceitos de disciplina, lealdade, respeito e afetividade [...]” (SOUSA, 2012, apud CAPICHE; MARTINS, 2018, p.12). Mestre Camisa, citado por Alice Flores, tem a mesma compreensão quanto ao valor educativo da capoeira para a formação de cidadãos, sua personalidade.

Porque a capoeira, ela apaixona. Ela apaixona criança, apaixona adolescente, e a gente consegue, com isso, produzir neles a mudança que a gente quer, né, a gente chega “e aí, velho, você vai ficar assim, vai ficar assado? Olha lá, hein, vou lhe tirar do grupo...”, e ele vai se enquadrando numa condição de cidadão. Não é cidadão perfeito, mas cidadão, uma pessoa que não é nocivo à comunidade, à sociedade. E a capoeira, ela faz isso [sic]. (CAMISA, inf. verbal, apud FLORES, 2017, p.81)

Embora esses princípios e valores, não sejam próprios da capoeira, é necessário que os mestres assumam esse papel de educador, daquele que se preocupa com a formação de seus discípulos, enquanto cidadãos. Nesse sentido, os

mestres citados na dissertação de Geeverghese (2013), denominados, por questão da ética da pesquisa e da preservação da identidade, como mestre A e mestre C, quando perguntados sobre o papel de mestre falaram que:

O mestre é aquele que auxilia, que vai mediar a educação do aluno, que vai auxiliar na construção de uma vida, ele vai ser um ponto positivo (Mestre A, inf. Verbal, apud GEEVERGHESE, 2013, p.92) Na minha opinião, o mestre é aquele que passa o conhecimento pra frente, que passa o seu saber, que passa a sua experiência de vida pro próximo. (Mestre C, inf. Verbal, apud GEEVERGHESE, 2013, p.92)

Para o autor, cabe ao mestre, a função de orientar e motivar seu discípulo a buscar o melhor caminho na vida. Tais compreensões, parecem estar ecoando nos discípulos do mestre do grupo pesquisado,

O mestre, pra mim, é assim. Ele é mais do que um mestre de capoeira pra mim. [...] eu acho que o mestre ele acabou virando um pai pra mim porque, ele não faz apenas o ensino da prática da capoeira, só em exercitar. Ele traz todo um conhecimento, toda uma história de vida, até dele mesmo. Então, é assim, ele coloca a gente em uma roda de conversa, ele traz situações da vida dele que já evita da gente cair em algumas situações como essa, trazendo suas histórias de vida. Então, é assim, ele me ensina muito, ele não só me ensina a capoeira, mas ele me ensina a questão da vida também, entendeu? Ele, ele, bota situações assim, onde faz você refletir com sua reação. É, como se fosse um educador de vida. (BERRA-BOY, 18 anos)

Tanto nas falas dos entrevistados, como nas dos mestres e a dos autores apresentados, o mestre é aquele que assume, e que deve assumir, na capoeira, um papel que está além do guardião do saber ancestral. Ele deve assumir, necessariamente, o papel de um educador, daquele que ajuda seus discípulos a compreenderem o valor da vida e a seguirem melhores caminhos. Mas, também, é aquele que impõe disciplinas, e coloca limites, pois isso, que também faz parte do processo educativo.

Por outro lado, essa forma de ver o mestre, sua função, enquanto um educador, deslegitima a ideia de que, propositalmente se propagou, graças ao pensamento eurocêntrico, de que o lugar único e exclusivo para aprender alguma coisa, é na escola. Pois, assim como é compreendido o papel do mestre enquanto um educador, também se vê o espaço da capoeira, seu ritual, como um espaço onde acontece o processo de ensino e aprendizagem. Essa compreensão do ritual,

Rapaz é assim oh, a capoeira eu acho que..., o lugar da aprendizagem não é só nas escolas não porque aqui na capoeira eu aprendi muitas coisas que eu ainda não tinha aprendido nas escolas. Por exemplo, a história da capoeira. O Mestre já contou várias vezes a história da capoeira, que é muito diferente nas escolas, entendeu? (...) E aqui na..., no meu grupo de capoeira foi onde eu descobri muitas coisas da capoeira que eu ainda não tinha aprendido nas escolas e que eu acredito que não ia aprender, entendeu? É assim, aqui eu aprendi muitas coisas sobre a capoeira, não só sobre a capoeira, mas todo um processo histórico, entendeu? Das coisas relacionadas à capoeira. (BERRA-BOY, 17 anos) E..., quando, quando acontece nossos encontros, até o mestre mesmo ele não denomina como treinamento e, sim, como aulas. Porque justamente, ele traz histórias, a gente aprende a verdadeira história da capoeira, mas ele faz a junção com a teoria e a prática. Teoria no sentido de trazer acontecimentos históricos que faz parte da gente enquanto povos, enquanto nossas histórias mesmo e, faz associação né, com a prática, com a nossa vivência do dia-a-dia. (ATABAQUE, 23 anos)

Essa perspectiva, para Abreu (2003) citado por Abib (2006) compreende a roda “(...)” como um rito de passagem que se incorporava ao processo de aprendizagem, como seu momento mais rico, aberto às influências e inventividades”. (ABREU, 1999 apud ABIB, 2006, p.89). Para o autor, esse processo de aprendizagem se dá de forma simples, por meio de dicas do mestre, dos conselhos dos colegas mais experientes na capoeira e, da própria observação do aluno/aluna no qual ele, ou ela, vai descobrindo as articulações, truques e manhas, do jogo. O espaço da capoeira serve, também, segundo o autor, para aprender coisas sobre a vida.

A oralidade, no entanto, parece ser um dos métodos mais importantes utilizadas pelos mestres na capoeira, e na cultura popular em geral. “Os mestres exercem um papel central na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social no âmbito da cultura popular, caracterizando, assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão”. (ABIB, 2006, p.91). “A oralidade, presente na Capoeira, pode ser compreendida como o principal e mais viável aspecto na transmissão de conhecimentos”. (RIBEIRO, NONATO, PALHARES, 2019, p.7)

[...] o mestre da capoeira ele remete muito aos sábios, né. Que antigamente o conhecimento era transmitido assim. Tinha lá o mais velho que se sentava na roda. Podia ser embaixo da árvore, em um lugar qualquer e, o conhecimento era transmitido dessa forma. Acho que hoje em dia, esse hábito de os mais velhos estar ensinando as coisas aos mais novos acabou que meio que se perdendo. Mas, pelo menos na capoeira, ainda a gente tem preservado isso. (BIRIBA, 26 anos)

Dessa maneira, não é difícil e nem parece “arriscado” concordar que no processo de aprendizagem da capoeira, a oralidade assume um papel fundamental. Pois, é por meio da oralidade que se transmite os saberes, que se ensina os

movimentos, que se conta uma história, que se orienta os alunos a terem uma boa postura, a refletirem sobre sua realidade de vida etc. Nesse sentido, Mestre Cobra Mansa, citado por Abib (2006) eleva a oralidade a um plano espiritual. Para ele, a oralidade não é somente palavras, mas sim, uma possibilidade de reconexão com uma tradição ancestral, e ele o caracteriza como o *hálito*, ou seja, uma ligação forte entre o mestre e seu discípulo, no qual, através desse método, ele passa todo conhecimento que aprendeu ao longo da sua vida.

O mais importante nessa tradição é o *hálito*, é o que você tá passando... a sua alma que você tá transmitindo [faz o gesto como se estivesse passando a alma através da boca]. Então você não está transmitindo simplesmente a sua palavra, mas o *hálito*... a alma... então, quando você recebe aquilo, você tá recebendo uma tradição de muitos e muitos antepassados, porque alguém já me passou isso... agora eu tô passando pra você, você vai internalizar, e depois vai poder passar a mesma coisa para o outro, então é muito mais do que você pegar o livro e ler... tem uma alma ali, tem um gesto, um olhar, tem uma forma (...) tudo isso fica marcado, porque é legal você ler um livro, mas a emoção de alguém estar te contando uma coisa, te passando alguma coisa, tem todo um gesto, um brilho nos olhos, que você sente uma alma sendo passada para você. (COBRA MANSA, inf. Verbal, apud ABIB, 2006, p.90)

Apesar de sua importância e eficácia no processo de ensino e aprendizagem, como também da preservação e transmissão dos saberes, a oralidade enquanto um método que emana e se próspera no universo das culturas populares, ainda, é pouco valorizada, sobretudo pela educação formal.

Sendo assim, (ABIB, 2006, p.97) “o campo da educação formal, principalmente, precisa refletir de forma profunda sobre suas práticas, no sentido de poder acolher as ricas experiências educacionais provenientes da cultura popular, representadas pelas formas tradicionais de transmissão dos saberes de uma comunidade.

5.8 A COMUNIDADE E A UNIVERSIDADE: O PROJETO DE EXTENSÃO, COMO MEIO DE CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO-UNILAB

5.8.1 O projeto de Capoeira e as Diretrizes da Unilab

Neste tópico, nos interessou saber se, e de que modo, o projeto de capoeira contribuía para a implementação das diretrizes da UNILAB. Nesse sentido, 4 (quatro) dos 7 (sete) entrevistados, responderam que o projeto promove relação entre a universidade e a comunidade.

[...] a gente já tem a relação com a comunidade a partir dos meninos (membros do grupo) que já estão dentro da UNILAB. Então, quando eu cheguei aqui, quando eu comecei a frequentar o grupo, só tinha o pessoal de Santo Amaro que vinham junto com o mestre. Que no caso era o Rogério, e depois o Adelmo, aí depois veio o Mirim, Anselmo, a Carol. Então amplia, tem muitas pessoas de Santo Amaro, de São Francisco, tem. Amplia sim, amplia muito. O projeto de intervenção que eu apliquei em sala de aula, querendo ou não, envolve a comunidade, as rodas de capoeira, as apresentações nossas em Santo Amaro, em São Francisco do Conde. Que é uma forma de promover a UNILAB, para eles, e é uma forma da gente também, de alguma forma, entrar em contato com eles e demonstrar alguma coisa que está sendo produzidas na UNILAB. (PANDEIRO, 26 anos)

Para melhor entender o papel que o projeto de capoeira pesquisado desempenha nessa articulação, Diógenes e Aguiar (2013), e demais participantes que organizaram o livro relativo aos 5 anos da UNILAB, “**UNILAB: Caminhos e Desafios da Cooperação Sul-Sul**”, **explicam que,**

“Extensão na UNILAB é entendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa para a produção e a disseminação do saber universal”. Tem o objetivo de contribuir com o desenvolvimento social, cultural e econômico na relação da universidade com a sociedade. (DIÓGENES, AGUIAR, 2013, p.46).

Do mesmo modo, esses objetivos são considerados nas propostas do projeto de Capoeira:

Promover diálogos entre universidades, movimentos sociais e Instituições de Direitos Humanos; divulgar o projeto da UNILAB na comunidade externa e nas redes nacionais e internacionais dos grupos de capoeira bem como o estabelecimento de diálogo com outras universidades nacionais e internacionais; apresentar a história da Capoeira no Recôncavo e no Brasil; (PROJETO DE CAPOEIRA, 2016)

Essa aproximação do projeto com a sociedade e, por meio das ações que desenvolvem na e para as comunidades, “(...)” têm um impacto relevante, direto e indireto, na aplicação de políticas públicas no contexto que é inserida na sociedade, envolvendo as comunidades interna (discentes, docentes e técnicos administrativos) e externa, de modo interdisciplinar”. (DIÓGENES, AGUIAR, 2013, p.46).

Quando a gente vai né, por exemplo, no quilombo, aliás, no terreiro. Da última vez que a gente foi o mestre abriu para os alunos que não faziam parte da capoeira para irem. Acho que um desses, foi um menino que ele disse que não queria entrar. Aí o mestre, então, tipo né, o mestre saiu do terreiro e foi lá conversar, falou com ele: “oh! Você não precisa entrar para praticar, a gente não vai praticar, a gente só vai se sentar dentro do terreiro para ouvir a pessoa

contar a história do lugar. Aí o mestre falou com ele, não sei o quê, aí ele falou assim: “tá bom”, e ele entrou. Então, com certeza descontrói, né. Porque a pessoa não vai pra praticar, que ele tem a religião dele, mas ele só vai lá pra ouvir, compreender, entender como é que funciona aquilo e, de fato, o mestre conversou com ele, não sei, porque não estava perto, mas com certeza foi uma conversa muito boa, porque afinal a pessoa entrou, sentou lá e vivenciou aquele momento junto com a gente e depois, no final, ele falou, que ah não sei o quê, que ele não queria entrar, mas que o mestre falou com ele, que ele agradeceu ao mestre porque aprendeu a ter respeito, para com os terreiros, porque ele achava que era uma coisa ruim, mas que, a partir daquele momento ele passou a ter outra visão do espaço de terreiro em si. (BIRIBA, 26 anos)

O depoimento é de fundamental importância, já que, descreve as inúmeras possibilidades que o desenvolvimento de um projeto de extensão, permite, além, evidentemente, da ampliação do respeito à diferença. No caso da capoeira, foco desta pesquisa, o reconhecimento dela, enquanto um instrumento de aproximação, conhecimento, e respeito às diferenças e às diversidades culturais, é analisado por Sousa e Oliveira. Para eles,

a capoeira, sendo advinda da raça negra, é repleta de significações socioculturais diferentes das classes dominantes, possuindo um vasto patrimônio cultural, “(...)” que poderá contribuir para a adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que deles fazem parte. (SOUSA; OLIVEIRA, 2008, p.45)

Analogamente, o reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural, de gênero etc., é um dos princípios da formação em nível superior adotada pela UNILAB que rege suas ações educativas.

Gerada em um contexto de cooperação Sul-Sul e, portanto, como instrumento de superação de desigualdades, de resgate de aprendizagens decorrentes do passado colonial e de construção de um futuro autônomo, o reconhecimento e respeito às diferenças será princípio de todas as atividades da UNILAB. Em função disso, adotará ações afirmativas que busquem ir além de cotas de acesso à universidade e contemplará estas questões em seus programas curriculares. (SPELLER, 2010, pp.26/27)

Desse modo, as ações educativas do projeto no que se refere as diferenças culturais, religiosas etc., parece atender aos objetivos da UNILAB que visa a emancipação sociocultural e a superação das desigualdades sociais e históricas. Um outro ponto interessante, trazida por uma das pessoas entrevistadas, é a percepção do projeto enquanto um meio de integração sociocultural.

Os meninos né, se não fosse a capoeira talvez a gente nem..., hoje em dia eu passo, não sei quê, de vez em quando, não vejo e eles me gritam, então, eu acho que..., com certeza. Não só né, com os meninos também que fazem parte do grupo, mas que a gente também já conheceu outros lugares fora daqui da cidade né. O Mestre, as vezes, faz o que ele chama de visitas culturais, que, no caso, as vezes da gente ir no quilombo..., acho que gente já foi em 2 ou 3 quilombos pra conhecer, já fomos na cachoeira, tipo, pra conhecer o lugar, que ele leva sempre as pessoas né, do lugar..., daquele lugar, pra contar um pouco da história do lugar, mostrar como é lá. Então, acho que não só com a comunidade aqui de São Francisco, que a gente acaba conhecendo, né, um ao outro por causa das rodas, mas tem também essas visitas que a gente faz, e eu, particularmente gosto de ir porque é uma das formas de eu conhecer aqui de..., perto, né, e também você acaba conhecendo outras pessoas que, são parecidas com a gente, como ele mesmo falou, né. (CAXIXE, 28 anos)

Nota-se que a entrevistada compreende o projeto enquanto um mecanismo de integração sociocultural porque ele – o projeto - possibilita a aproximação com as pessoas, como também o conhecimento de diferentes comunidades e suas culturas. É interessante destacar que isso, também, faz parte dos objetivos e expectativas do projeto da UNILAB. Pois, em seu projeto, foi proposto que;

- ✓ O ensino de graduação pretende formar estudantes em nível de excelência científica e tecnológica, mas, também, buscará ser local de estudo e difusão das culturas dos países parceiros, respeitando e valorizando suas identidades e diversidades culturais por meio de práticas e vivências sociais, culturais, esportivas e artísticas;
- ✓ Procura garantir, em seu projeto de universidade e no dimensionamento das ações acadêmico-administrativas, os paradigmas da contemporaneidade para a formação em nível superior, em sintonia com as demandas do Brasil e dos países envolvidos no projeto. Busca, portanto, na perspectiva da cooperação solidária, promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional da região e dos países de origem dos estudantes, sem perder de vista os elementos que devem compor a formação em nível superior no século XXI, em suas diversas dimensões. (SPELLER, 2010, p.17)

Desse modo, essa forma de educar, de formar, que o projeto de capoeira usa como metodologia, está intimamente articulada à compreensão da educação e do processo formativo no qual a Instituição UNILAB procura se basear e disseminar. Sendo assim, pode-se concluir que o mesmo é, nada mais, nada menos, que coadjuvante da UNILAB no desenvolvimento de suas ações educativas. Dado as características do projeto de capoeira e, baseando-se em relatos dos entrevistados, é possível afirmar que esse projeto contribui na “superação de desigualdades, de resgate crítico de aprendizagens decorrentes do passado colonial e de construção de um futuro autônomo”, o que é uma das preocupações da UNILAB.

Uma vez que a reconstrução das africanidades, tanto do Brasil como dos países que constituem a comunidade acadêmica da UNILAB tem se dado, paralelamente, e sob a mesma intensidade, em contextos políticos, sociais e educativos que tentam desestruturá-la, o projeto tem desenvolvido ações que podem ser vistas como um enfrentamento à essa conjuntura. Como foi possível verificar por meio das falas, o desenvolvimento do projeto e o posicionamento do mestre, se configuram, claramente, e de forma ousada, numa política de enfrentamento à uma estrutura hegemônica que pretende desvincular o povo negro de sua história, por demonização dela ou então, pela sua ocultação. Nesse sentido, Silva faz a seguinte reflexão:

Para identificar, conhecer e compreender africanidades há que conviver com pessoas negras que reconhecem seu pertencimento étnico-racial enraizado na África, há que frequentar territórios negros, há que buscar obras de autores e de outros profissionais negros. (SILVA, 2009, p.46)

De acordo com autora, as referências africanas e nossas relações com elas, é importante e, mais do que isso, é necessário no processo de africanização. Cada vez que estivemos em contato com espaços culturais africanos, algo mais sobre nossa ancestralidade é conhecida e incorporada. “As africanidades fortalecem o pertencimento étnico-racial dos negros e dos não negros, lhes dão informações e energia para lutar contra desigualdades e opressões, para promover reconhecimento da história e cultura dos africanos e afrodescendentes”. (SILVA, 2009, p.47)

6 A OPERACIONALIZAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: A LEI 10.639/2003

A educação das relações étnico-raciais pode ser traduzida como a formação de cidadãos, mulheres e homens, dedicados/as em estimular condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnicoraciais e sociais, sublinha Silva (2007, p.490).

Para que isso fosse possível e garantido, pelo menos no plano das determinações legais, houve uma incansável luta dos movimentos sociais, sobretudo dos movimentos negro, em que se conseguiu, com suas lutas e demandas, desencadear medidas políticas que fizeram surgir Leis como Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e Lei 10.639/2003, as quais são forjadas em princípios políticos de reparação, reconhecimento e valorização das histórias e culturas africana e afro-brasileira. (ABREU, MATOS, 2004)

Sua natureza política é fundamentada em compreensão da dimensão histórica, social e antropológica da sociedade brasileira, à qual, mostra-se necessária e urgente, mudanças de comportamentos e de posturas políticas de enfrentamento da “estrutura hegemônica” que a muito tem se provado esmagadora das minorias. Nesta perspectiva, ela traz, como uma de suas propostas,

A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (ABREU, MATOS, 2004, p.10)

O trecho exposto, explicita a importância política desta Lei, na medida em que ela propõe às entidades formadoras, não exclusivamente aqueles oficiais, como as instituições escolares, mas, em todos os espaços em que se compreendem e se dediquem a formação de cidadãos conscientes e aptos a contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as

mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola. (ABREU, MATOS, 2004, p.13)

Posto isso, é possível compreender os espaços culturais de matriz africana (capoeira, terreiros de candomblé, quilombos, etc.) como espaços educativos que projeta, nos indivíduos, especialmente nos africanos e seus descendentes, a dimensão do saber em suas variedades, servindo, sobretudo, para respeito, valorização e construção de identidades positivadas. Nesse sentido, o projeto de capoeira, aqui pesquisado, enquanto um projeto educativo que desenvolve suas ações pautadas nos objetivos estabelecidas pela Diretrizes em questão e, da Lei que lhe dá legalidade.

Por outro lado, o projeto em questão se orienta, basicamente, em princípios de enfrentamento e desconstrução dos paradigmas repressores, sobretudo, os eurocêntricos; na valorização das culturas africanas e afrobrasileira; na valorização da diversidade. Tudo isso reflete aquilo que pregoa as Diretrizes curriculares nacionais para Educação da relações étnico-raciais, ou seja, uma postura política e educativa que procura reparar preconceitos provenientes de uma educação racista que faz com que dentro de uma mesma “classe” marginalizada, haja preconceitos e rejeições.

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações. (ABREU, MATOS, 2004, p.11)

Como dito, e ilustrado com o trecho supracitado, não cabe somente às instituições oficiais de ensino e ao Estado combater as discriminações sociais, o racismo ou qualquer ação que viole os direitos humanos. Cabe, de forma ampla, a sociedade, e a cada um de nós. O grupo de capoeira se enquadra portando, na dimensão social ao qual é, também, estabelecido cumprir essa missão. Como sublinha Silva (2007), combater essa estrutura social, e dar conta de tratar de processos de ensinar e de aprender em sociedades multiétnicas e pluriculturais, não é uma tarefa fácil, porém, possível. A autora sugere medidas políticas e pedagógicas que viabilizem esse processo, de ensinar e de aprender, em sociedades que apresentam tais contextos,

Não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia de homens e mulheres brasileiros; admitir, tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; ficar atento(a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos numa democracia racial. (SILVA, 2007, pp. 492/493)

A autora acrescenta, ainda, que “para ter sucesso em tal empreendimento, há que ter presente as tramas tecidas na história do ocidente que constituíram a sociedade excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar”. (pp. 492-3). De fato, ter consciência histórica e social é fundamental no processo de aprendizagem e na constituição do “eu” e dos “outros”. O projeto de capoeira, nesse sentido, parece responder a isso.

É que as músicas remetem a períodos históricos, digamos assim, tem uma ladainha que foi criada pelo mestre Pastinha. Mestre Pastinha viveu no século XX. Então, a gente ao cantar aquela ladainha, do mestre Pastinha, de alguma forma a gente tem uma conexão com aquele período histórico. E que muitas vezes o que estava sendo cantado naquele período é, ainda, o que a gente está vivendo na situação de hoje. E que a ladainha é uma questão da oralidade, né? Então, ela remete a períodos históricos e, ainda, ela continua a perpetuar essa força da oralidade. (PANDEIRO, 26 anos)

Nota-se que o que Silva (2007, pp.492-493) traz como uma estratégia eficaz no processo de ensinar e aprender em sociedades multiétnicas e pluriculturais, “(...)” há que ter presente as tramas tecidas na história do ocidente que constituíram a sociedade excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar”, de certa forma, é a mesma estratégia utilizada no processo de ensino e aprendizagem do grupo de capoeira em questão, ou seja, fazer com que os indivíduos conheçam o seu passado histórico para que possam melhor compreender o presente em que vivem e compreenderem a si mesmos.

Outra ação importante relativa ao projeto é seu caráter de uma ação afirmativa de reconhecimento e valorização da história e cultura de origem africana, como foi possível verificar nos relatos, principalmente aqueles sobre as visitas visando o conhecimento de espaços de culturas negras. A relação com outros espaços ou manifestações culturais de origem africana é de suma importância para a compreensão e respeito às diferenças, que, por sua vez, é um passo positivo na superação do preconceito que assola a sociedade brasileira e a compreensão da

diversidade étnico-racial e cultural que compõe o Brasil. Nessa perspectiva, Deekker e Lemmer, citados por Silva, argumentam que,

O Brasil, como outras sociedades ocidentais se descobre multicultural quando os oprimidos, que alguns designam como “minorias inúteis”, reagem. O multiculturalismo seja como movimento artístico, seja como ações políticas nas ruas (...) surge como reação contra a ideologia da assimilação (DEEKKER; LEMMER, 1993, apud, SILVA, 2007, p.498).

Nesse sentido, é importante ressaltar que os projetos de extensão são mecanismos que as universidades têm para chegar às comunidades. No caso do projeto estudado, “Prática da capoeira e seus valores culturais no Recôncavo

Baiano”, é o resultado das perspectivas políticas e pedagógicas da UNILAB, a qual tem suas bases políticas e ideológicas fincadas nas perspectivas tanto da Lei 10.639/03 quanto das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais, buscando, assim, atender suas propostas de ensino e aprendizagem.

Na verdade, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira é, como já dito em capítulo anterior, o resultado das lutas do movimento negro brasileiro em que nas suas reivindicações, exigiam do Brasil, maior compromisso com o continente africano e com os afro-brasileiros quanto a superação do racismo e discriminações culturais, fazendo emergir uma legislação que a efetivasse, a Lei 10.639/03.

A UNILAB pode ser entendida como, considerando seus desafios, ideais político, estrutura e características, uma das materializações possíveis da Lei 10.639/2003. Uma vez que, criada como um projeto político que almejou estabelecer uma cooperação Sul-Sul com países da língua portuguesa, em especial, os países africanos, ela tem possibilitado uma integração de pessoas e de culturas dos diversos países e etnias africanas com os brasileiros e suas diversidades, sejam étnicas ou culturais.

Essa integração, mesmo que inicialmente vem provocando “choques” culturais e conflitos, o que é natural, considerando a complexidade da construção do processo, já que, se trata de pessoas com modos de vida e culturas diferentes, ela tem propiciado um espaço contínuo de desconstrução e reconstrução de modo de ver e conhecer, de se relacionar e de se autoidentificar. Tudo isso, decorrentes de processos educativos colonialistas que, mesmo no pós-independência, tem ofuscado a relação do Brasil com a África, dos brasileiros e dos africanos do continente, com as

suas diversidades étnico-raciais e culturais. Por outro lado, a perspectiva política da UNILAB em fazer esse diálogo cultural com a/s África/s, representa a democratização do ensino, transcendendo o modelo tradicional e hegemônico, até então vigente, onde só se valorizava os conhecimentos tidos como universais. A democratização do ensino tem sua importância e reflete, positivamente, na qualidade da aprendizagem dos alunos e, na transformação da sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender, por meio da prática dos integrantes, como e, de que maneira, o projeto de capoeira “Práticas da capoeira e seus valores culturais no Recôncavo Baiano” era uma estratégia tanto para implementação das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana quanto para a Lei 10.639/2003, no contexto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- UNILAB, no campus dos Malês. Como resultado, foi possível verificar que o projeto de capoeira, de fato, se configura como um importante mecanismo e estratégia.

Após a análise dos dados, é possível afirmar que o projeto, desde sua base, é regido sob os princípios da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes a ela vinculada e que, por meio do seu desenvolvimento e ações não se limita apenas ao espaço da UNILAB. Por outro lado, a capoeira, enquanto um legado dos negros e, contendo no seu cerne vários elementos culturais de origem africana, tem sido uma das formas de resistência e preservação cultural, recheada de histórias dos africanos escravizados e, de seus descendentes, ela é, em si, é um mecanismo chave, para efetivação da Lei.

Foi possível perceber que as ações desenvolvidas no grupo, contribui, significativamente, para aproximação da universidade com a comunidade. Essa aproximação, por sua vez, promove espaços de descobertas, desconstruções e reconstrução, por meio de vivências com a diversidade tanto de pessoas quanto de culturas. Na verdade, a UNILAB, dado a sua estrutura (tanto político-filosófica quanto de seu público), é uma universidade que, em si, pode ser compreendida, de acordo com os depoimentos dos integrantes do grupo, como a materialização da própria Lei 10.639/2003, traduzida em suas diretrizes curriculares. O seu contexto de cooperação Sul-Sul, com o países africanos de língua português, também, evidentemente, tem se transformado em uma questão chave para a efetivação da Lei, uma vez que, mais do que fazer parte do currículo as histórias e culturas africanas, elas estão presentes, entre a sua comunidade acadêmica, discentes e docentes africanos repletos de histórias, vivências e, visões de mundo, que podem ser compartilhadas com toda a comunidade acadêmica ou local. Assim, avaliamos que os objetivos delineados, inicialmente, na expectativa de alcançar ao que se buscou com esse trabalho foram, pelo menos na sua maioria, respondidos:

1 - Averiguar se a capoeira na UNILAB promove discussões político-filosófico sobre as diversidades culturais afro-brasileiras;

Com esse objetivo, buscava-se, basicamente, analisar se, e como, a capoeira propiciava discussões políticas sobre as diversidades culturais afrobrasileira. Com base nos resultados encontrados em nossas pesquisas com os participantes e o mestre do grupo, é possível afirmar que o projeto tem uma postura política de promover o diálogo e valorização com outras manifestações culturais de origem africana.

Essa postura certamente possibilita tanto o conhecimento da diversidade cultural afro-brasileira, como o respeito. É importante para o fortalecimento, crescimento e divulgação das culturas afro-brasileiras, esse laço que o projeto procura traçar entre a capoeira, seus participantes, com outras manifestações culturais. Sobretudo, é fundamental para enfrentamento de um sistema racista que, historicamente, tem procurado erradicar da sociedade brasileira culturas que não se encaixam nos moldes que se pretendeu universalizar.

2 - Perceber como a capoeira é vista pelos/as discentes da UNILAB;

Em relação a esse objetivo, a ideia era perceber como os discentes da UNILAB percebiam a capoeira. De acordo com as análises, percebemos que a capoeira é percebida, pelo menos por aqueles e aquelas que participam do projeto, como um processo educativo, com fortes impactos na vida e na forma de ser, contribuindo, significativamente, para a formação de cidadãos e cidadãs mais conscientes, visando uma sociedade melhor. No entanto, cabe registrar que a percepção e a compreensão da capoeira, nem sempre foi a mesma. Os entrevistados relataram que, antes de terem contato com a prática, a viam como uma simples movimentação do corpo, ou seja, a questão do condicionamento físico. As transformações em relação ao conhecimento e, sobretudo, mudança de atitudes e, modos de vida, durante o processo, foram profundos.

3 - Identificar o ritual da capoeira como um espaço de transmissão de valores culturais africana e afro-brasileira;

Nesse objetivo a intenção era saber se, e de que modo, o ritual da capoeira contribui para o resgate e a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira. As resposta dos entrevistados, bem como as opiniões de autores como Capiche e Martins (2018), Abib (2004) e Muniz Sodré (1988) apontaram que sim.

4 - Identificar e reconhecer os valores da prática de capoeira para os (as) estudantes da UNILAB;

De acordo com os resultados, a prática da capoeira, por ser um espaço de acolhimento, ensina valores como solidariedade, moral, e, também, educa seus praticantes de modo a desenvolverem o respeito em relação à diferença, de idades e gêneros, como, também, culturas. Embora seja possível avaliar que os objetivos propostos foram alcançados, vale salientar que ainda há espaços para melhorias. Como já era previsto e comum, um trabalho científico é sempre aberto, como um caminho que possibilita novos encontros, acúmulos, visões e, construções. Nesse sentido, reconhecemos que nem todas as questões colocadas foram respondidas, o que, por sua vez, gera dúvidas e complexifica o processo da pesquisa. Entretanto, essas lacunas são possíveis de serem superadas com um novo problema, a ser averiguado em um novo momento, como, por exemplo, em uma pós-graduação.

Percebemos que o projeto enfrenta um desafio muito importante que é o reconhecimento e a valorização do mestre, da função que ele desempenha. Assumindo um papel de guardião e promotor dessa cultura ancestral, a capoeira, e, de forma paralela, fazendo um trabalho de divulgação da própria instituição, sempre disposto, mesmo com as dificuldades de transporte e materiais, não recebe, ainda, um tratamento e reconhecimento dignos.

Pois, mesmo sem remuneração, ele assume um compromisso que parece incondicional com o projeto e seus discípulos tirando, muitas vezes, do seu próprio bolso, dinheiro para deslocamento, garantindo, assim, a continuidade do projeto. A instituição, como a parte que também ganha, e muito, com o trabalho dele, deveria dar melhor atenção e assistência, já que, o mestre, como uma pessoa e como chefe de família, tem suas demandas e necessidades pessoais.

Um outro desafio tem a ver com a compreensão das diferenças de gênero e suas relações. Nota-se que o grupo compreende que a capoeira enquanto uma prática social e cultural, está aberta para todos e todas sem discriminações, e que, da mesma forma, deveria funcionar a sociedade em geral. Contudo, é percebível também, nas falas de alguns entrevistados, uma certa contradição ou equívoco em relação ao trato das mulheres nas rodas de capoeira.

É necessário entender que defender e praticar igualdade de gênero não se resume apenas ao acesso de mulheres num determinado espaço e, muito menos, lhe tratar, por ser mulher, de forma cuidadosa. O fato de pensar que uma mulher precisa ser tratada com cuidado, pra não se machucar, é afirmar a sua fragilidade e/ou incapacidade dela mesma, por si só, se proteger ou ainda, parece que se nega a possibilidade da mulher assumir o lugar daquela que também pode machucar seu colega capoeirista, nesse caso, o homem. A mulher, assim como homem, é capaz tanto física como mentalmente, de enfrentar e se sair de uma situação de risco sem precisar de ajuda. Igualdade de gênero é entender que mulher tem todas as condições, físicas e psíquicas, para realizar toda e qualquer ação que o homem realiza e, acima de tudo, que é um direito dela. Concluindo, acreditamos que os resultados obtidos com a pesquisa são substanciais para pesquisas futuras sobre a temática, como, também, é importante para a superação da imagem negativa e reducionista sobre a capoeira que, infelizmente, ainda é muito presente na sociedade brasileira. Acreditamos, ainda, que esses resultados possibilitam a reflexão e valorização social e institucional sobre capoeira, enquanto uma prática educativa com grande potencial de transformação social.

“[...] Ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”.

(PAULO FREIRE, 1996, p.26)

REFERÊNCIAS

ABIB, P.R.J. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda.** 2º ed. Universidade Federal da Bahia- EDUFBA, Salvador, 2017, 175pg

ABIB, P.R.J. **Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão.** Cadernos Cedes, Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006

AIRES, L. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional.** 1º ed. Universidade Aberta. 2015. 70 pg. ISBN: 978-989-975982-1-6

BRASIL. CNE/CP. **Resolução nº1. 10 de março.** Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, 2004

BARBOSA, W.D. **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do brasil.** Brasília, 2007 BONFIM, G.C.S. **A prática da capoeira na Educação Física e sua Contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente Escolar:** a capoeira como meio de inclusão social e da Cidadania. Colégio brasileiro. 2010, disponível em: <http://files.educando-comginga.webnode.com/200000048-b4657b55c0/capoeira%2010.639.pdf>, acessado às 15:42, em 07 de julho de 2019.

BRUSCHINI, C; ARDAILLON, D. (1998), Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

CAMPOS, E.F.G. **A prática da capoeira em âmbito escolar.** 1º ed. Brasília 2013.

CAMPOS, H. **Capoeira na Escola.** Editora da Universidade Federal da Bahia. Salvador-Bahia. 200. 156 pág. ISBN: 85-232-0223-4

CAMPOS, H. **Capoeira Regional: a escola de mestre Bimba.** Editora da Universidade Federal da Bahia. 2009. 306 p. ISBN: 978-85-232-1727-3

CAPICHE, C.J.O; MARTINS, L.C. **Capoeira: a utilização da cultura afrobrasileira na formação integral do aluno.** Nova Venécia-ES, 2018, disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/capoeira-a-utilizacao-da-cultura-afro-brasileira-na-formacao-integral-do-aluno.pdf>, acessado em 01, de agos./ 2019

CORDEIRO, A.A.S; CARVALHO, N.C. **Capoeira, do crime à legalização:** Uma história de resistência da cultura popular. Revista Trilhas da História, Três Lagoas, v.2, nº4, p.68-80, jan-jun 2013

DIÓGENES, C.G; AGUIAR, J.R. TEM CE 01638 JP. **UNILAB: Caminhos e Desafios da Cooperação Sul-Sul. Edição MTE CE 01638 JP.** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- UNILAB, 2013.120 p - Redenção: **UNILAB**

FERREIRA, T.J. **A capoeira sob a ótica de gênero: o espaço de luta das mulheres nos grupos de capoeira.** Goiânia-GO, março de 2016.

FÁBIO, A.F.S. **Fundamentos da Capoeira Angola o aprendizado performático de uma linguagem corporal.** USP.

FONTURA, A.R.R.; GUIMARÃES; A.C.A. **HISTÓRIA DA CAPOEIRA.** Maringá, v.13, nº 2, p.141-150, set, 2002

FILGUEIRAS, J. P. **Capoeira em Tradução: Representações Discursivas em um Corpus Paralelo Bilíngue.** Florianópolis, 2007. Disponível em > <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90337>. Acessado em 18 de dez./2019

FAGUNDES, T.B. **Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente.** Revista Brasileira de Educação v. 21, n. 65, p. 281-298, abr.-jun. 2016

FLORES, A.L.P; IVO, I.P. **Capoeira: patrimônio imaterial da humanidade, saber do povo para o povo.** Feira de Santana-2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996, p.148, ISBN 85-219-0243-3

GONÇALVES, L. A.O; PETROLINA, B.G. S. **Movimento negro e educação.** Rio de Janeiro, n.15. set/dec. 2000. Revista brasileira de educação

GONÇALVES, D; LUZ, G.Z.L.L; MORAES, T.A; FIGUEIRAS, T.R. **As possibilidades do ensino da capoeira na Educação Infantil: Um relato de experencia.** UIVALI – Itajaí– SC, 10 p., 23 a 25 set./2010.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GEEVERGHESE, M. **O valor educativo da capoeira.** Brasília. Julho de 2013.

JUNIOR, W.R.P. **A arte de disciplinar: Jogando Capoeira em Projetos socioeducacionais.** Academia Edu- 2012.

LISBOA, M.N; SILVA, A.F. **As contribuições da capoeira para o ensino de história e cultura Afro-brasileira.** UEPB, Editora realize.com.br disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ddb30680a691d157187ee1cf9e896d03\(1\).pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ddb30680a691d157187ee1cf9e896d03(1).pdf), acessado em 21 de julho de 2019, às 15:54.

MARTINS, C.V; SILVA, F.K.B; KOHL, H.G; FRANÇA, T.L. **O jogo da capoeira na prática pedagógica.** disponível em: <http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/198.pdf>. Acessado em 07 de julho de 2019, às 15:10 minutos

MEDEIROS, J.E.S; PERES, L.S. **A capoeira na Escola: Perspectivas para a Educação Física Escolar-uma abordagem teórica e prática.** 2007, disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigojose_eduardo_segala_medeiros.pdf, acessado em: 11 de jul./ 2019

MACHADO, S.A.M; ARAÚJO, R.C. **Capoeira Angola, corpo e ancestralidade:** por uma educação libertadora. Revista Horizontes- v. 33, n. 2, p. 99-112, jul./dez. 2015

MACHADO, J.N. **A prática da capoeira: pinceladas pedagógicas, filosóficas e psicanalíticas.** Pergaminho, p 96-107, dez. 2016 NOGUEIRA, S.G. **Processos educativos da capoeira Angola e construção do pertencimento étnico-racial.** Centro Educação e Ciências Humanas- São Carlos, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2456/1992.pdf?sequence=1> . Acessado em 20 de fev. de 2020

NUNES, F.R.M. **A contribuição da capoeira para a socialização e desenvolvimento de crianças e adolescentes nas escolas municipais de cricúma e forquilha.** UNES- Cricúma, 06 de dez.2011, 44.

NASCIMENTO, E.L. **Afrocentricidade uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo, v.4, p 2-13, 2013.

IRA, A.S. **Iê, Viva meu Deus camara... Capoeira na Escola: Relatos e Experiências.** UNIRIO- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, p. 32, 2016.

OLIVEIRA, C.L. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa:** tipos, técnicas e características. Travessias, p.16, 2008.

OLIVEIRA, C.A.S. **O corpo e a capoeira no contexto escolar: propostas.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v.12, n.1, p. 81-90, jan./jun., 2013Revista de Educação Popular. 2013

PAIVA, I.P. **Capoeira e os mestres**. Universidade Federal do Rio grande do Norte. Natal. 2007, p. 167.

RAMOS, J.D.D. Ancestralidade e resistência negra: A prática de capoeira Angola. Buenos Aires. 2009, disponível em > <http://cdsa.academica.org/000-062/422.pdf>, acessado em 29 de jan./2020

RIBEIRO, M. A.; NONATO, F.F; PALHARES, L.R. **Capoeira, música e oralidade: a língua portuguesa pelo mundo**. Revista pedagogia social, 2019

SPELLER, P. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira-UNILAB: Diretrizes Gerais- Brasília. Jul./ 2010.

SILVA, P.B.G. **Africanidades e Educação: A palavra é**. Universidade Federal de São Carlos, v.15 • n.86, p. 42-47, mar./abr. 2009

SANTOS, J.A. **Desigualdade Social e Conceito de Gênero**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-3a7.pdf>. Acessado em 17 de fev./2020

SILVÉRIO, V.R; TRINIDAD, C.T. **Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no brasil contemporâneo?** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 891914, jul.-set. 2012

SODRÉ, M. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.2, 1988.

SOUSA, E.G.R.S. **Capoeira: sua História e as Relações de Gênero**. Rio de Janeiro: UNIRIO, ISBN: 978-85-60979-08-0, p. 1-10, 2010

SOUSA, S.A.R; OLIVEIRA, A. A. B. **Estruturação da capoeira como conteúdo da Educação Física no ensino fundamental e médio**. Maringá-Paraná, ver. Ed. Física/UEM, v.12, n.2, p. 43-50, 2 de sem./ 2001.

VIEIRA, S.S. **Da Capoeira: como Patrimônio Cultural**. 2004 - Sapiientia.

ZONZON, C.N. **Capoeira Angola africana, baiana, internacional**. Salvador: EDUFBA, 2011.